PLACAR

Heróis das Copas

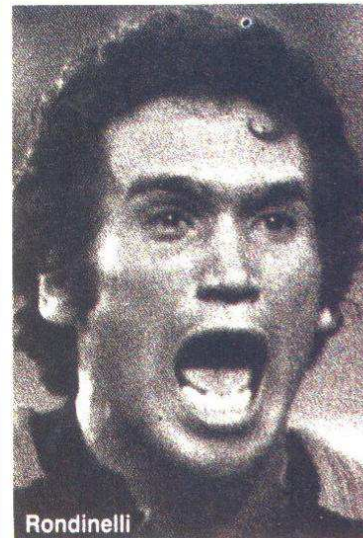
A conquista da eternidade

Catimbeiros

A festa dos amaldiçoados

N.º 1065 NOVEMBRO DE 1991 CR$ 2 500,00

Figueroa

Junior

Rondinelli

Luís Pereira

Edinho

OS DEUSES DA RAÇA

Eles fizeram do clube sua paixão e fé

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa

Diretores de Área:
Carlos Roberto Berlinck, Celso Nucci, Júlio Bartolo, Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida, Ricardo Vieira de Moraes, Roberto Dimbério

Diretor-Gerente: Vanderlei Bueno

Diretor Editorial: Juca Kfouri
Diretor de Arte: Carlos Grassetti

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Sérgio F. Martins
Editor: Celso Unzelte
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Repórter: Paulo Coelho
Editor de Arte: Afonso Grandjean, Walter Mazzuchelli (colaboradores)
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva e Mônica Ribeiro (colaboradores)
Assistente de Produção: Sebastião Silva e Wander Roberto de Oliveira

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni
Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)
Escritório Paris: Pedro de Souza (gerente), Álvaro Teixeira (assistente)
Buenos Aires: Odillo Licetti (correspondente)
Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo
Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli
Automação Editorial - Gerente: Cícero Brandão

PUBLICIDADE
Diretor: Meyer Alberto Cohen
Assessor: Moacyr Guimarães
Gerentes: Dario Castilho, Nilo Galdeano Bastos, Pedro Bonaldi, Roberto Nascimento (SP); Aldano Alves (RJ)
Coordenação de Publicidade: Sadako Sigematu (supervisora), Tieko Kuniyuki (Coordenadora)
Representantes: Adriana Sandoval, Aldo S. Falco, Ana Marta Manfio Gozzio, Antonio Carlos Perreto, Eliane Pinho S. da Silva, João Marcos Ali, Liliane Schwab, Luiz Alberto Diegues, Luiz Marcos Perazza, Luiza Pantalea, Marcia Regina da Silva, Olavo Ferreira, Renato Bertoni, Ronaldo Lipparelli, Selma Ferraz Souto (SP); Andrea Veiga, Maria Luciene Lima (RJ)
Serviço de Marketing Publicitário - Supervisora: Marta de Moraes

Diretores Regionais: Angelo A. Costi (Região Centro); Elcenho Engel (Região Sul); Geraldo Nílson de Azevedo (Região Nordeste)
Escritórios Regionais: Verene Lopes Cançado (Belo Horizonte); Rogério Ponce de Leon (Brasília); Lilica Mazer (Curitiba); Rosangela Isoppo da Cunha (Porto Alegre); Sílvio Provazzi (Recife); Alfredo Guimarães Motta Netto (Salvador); Mauro Marchi (Santa Catarina)
Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermídia (Ribeirão Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Vallemidia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO); Vitória Mídia (ES)

PLANEJAMENTO E MARKETING
Gerente de Planejamento e Controle: Carlos Herculano Ávila
Gerente de Produto: Reynaldo Mina

ASSINATURAS
Diretor de Operações: Ignácio Santin
Diretor de Serviços ao Assinante: Eduardo Marafanti

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Responsável: Osvaldo Franco Domingues Jr.

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Edgard de Silvio Faria, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

RICARDO CORRÊA

APROVADOS PELO TEMPO

Um bom número deles jamais poderá ser chamado de craque, mas isso nunca importou. Nem a eles nem à torcida, que sempre reconheceu naqueles atletas uma dedicação inabalável às cores do clube. Eram homens que lutavam até o último minuto para evitar a decepção de uma derrota ou, então, conquistar a alegria de uma vitória. Outros, porém, eram cracaços de bola. Nem por isso deixaram de colocar a paixão em cada disputa de bola, vencendo o cansaço, a dor e o conformismo ante um resultado adverso e aparentemente irreversível. E com doses generosas de valentia e garra, uns e outros acabaram por se transformar em símbolos eternos de amor à camisa. Hoje, seus exemplos continuam sendo seguidos. Com toda a justiça, são chamados de deuses da raça. E esta edição de PLACAR presta uma homenagem a esses super-heróis do povão. Não os confunda, leitor, com os catimbeiros, jogadores de outro estofo interno e dos quais falamos também. Às vezes, podemos mesmo ser levados ao engano. No entanto, ninguém engana o tempo. E afastados dos acontecimentos fica fácil perceber a diferença entre o truque e a nobreza, entre a artimanha e a fibra.

Sérgio f. Martins

4
OS SUPER-HERÓIS
Os jogadores que, com muita raça, foram o povo em campo

8
RONDINELLI
O zagueiro que virou símbolo da mística rubro-negra

12
ZÉ MARIA
Sua superpaixão conduziu o Corinthians de novo à glória

16
EDINHO
No coração deste guerreiro só havia lugar para vitória tricolor

20
LUÍS PEREIRA
Ele encarnou como ninguém a imponência alviverde

24
FIGUEROA
Fez da área colorada a sua casa: apenas os amigos entravam

27
BELLINI
Na Seleção ou no Vasco, nunca houve capitão como ele

30
FORLAN
Alma uruguaia e coração tricolor sacodem para sempre o Morumbi

34
DE LEÓN
O gigante que levou o Grêmio a conquistar o mundo

37
CEREZO
Tímido e de poucas palavras, liderou o Galo com sua fibra

40
ROBERTO
Ele quebrou tudo o que podia quebrar por amor ao Fogão

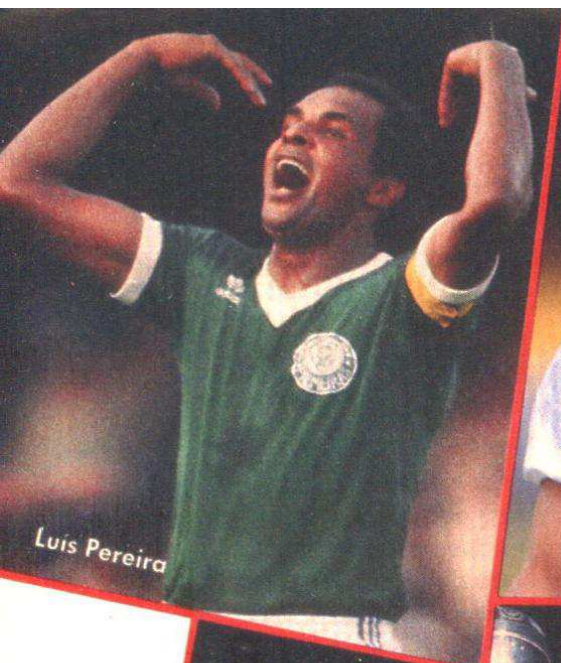
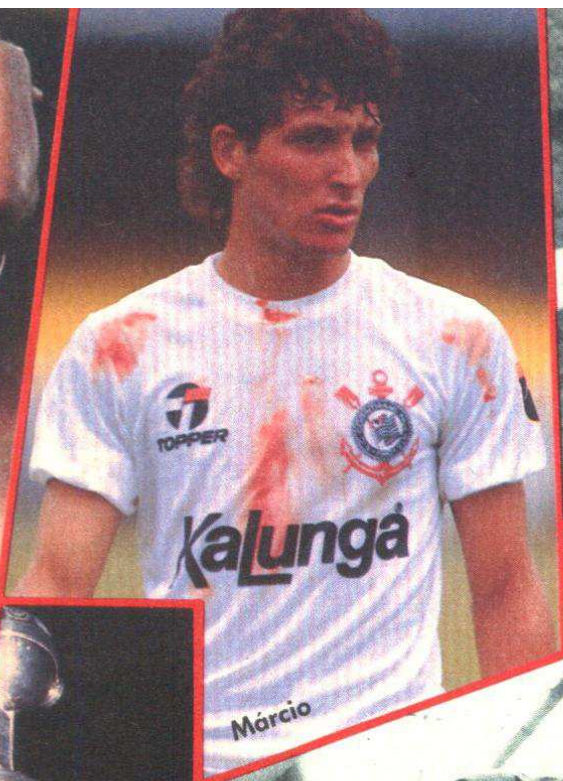
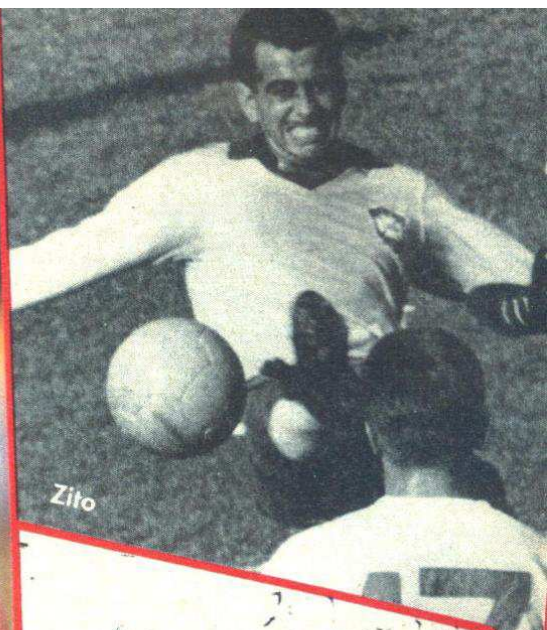
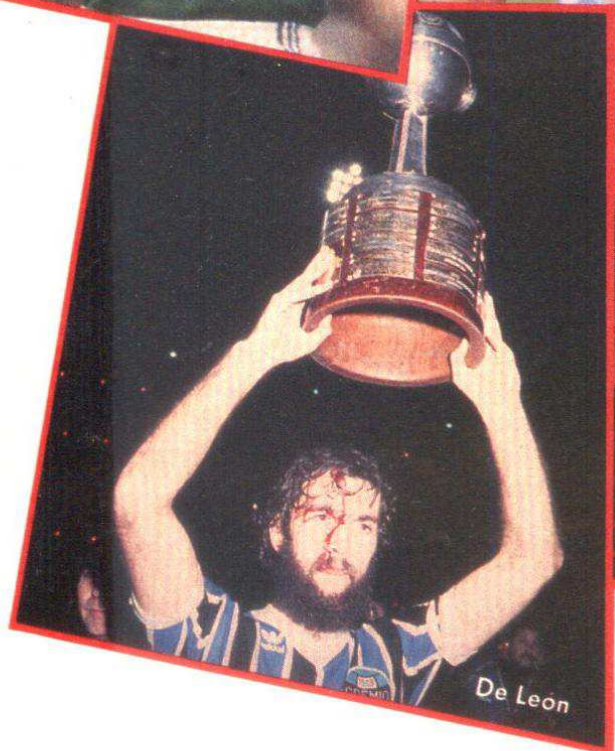
43
ZITO
Grito dele em campo fazia até Pelé curvar a cabeça

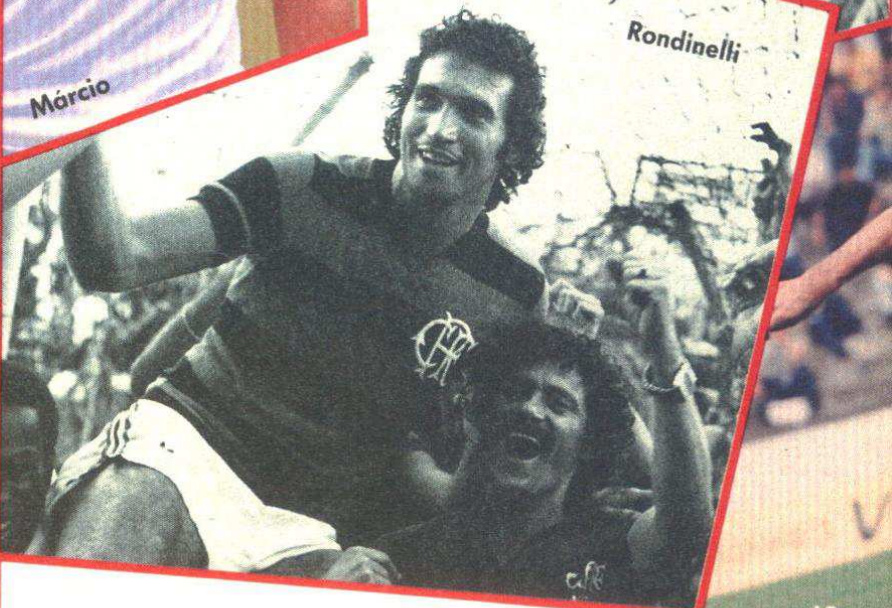
46
OS CONQUISTADORES
Em Copas, alguns craques marcam encontro com a eternidade

50
ALMIR
O homem que o futebol amaldiçoou para sempre

52
OS CATIMBEIROS
Decidindo jogos na manha, despertaram amor e ódio

58
CARTAS
O espaço reservado para os leitores

Toninho comemora um gol beijando a camisa do clube: herdeiro de Fiume, Dudu e Luís Pereira no amor ao Palmeiras

Luís Pereira

Márcio

Zito

Rondinelli

De León

Renato

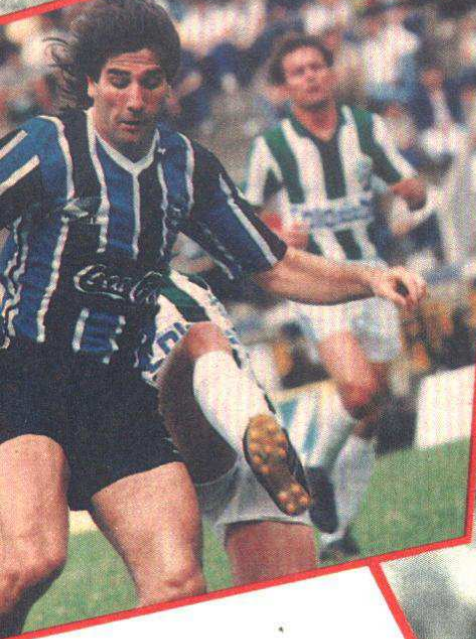
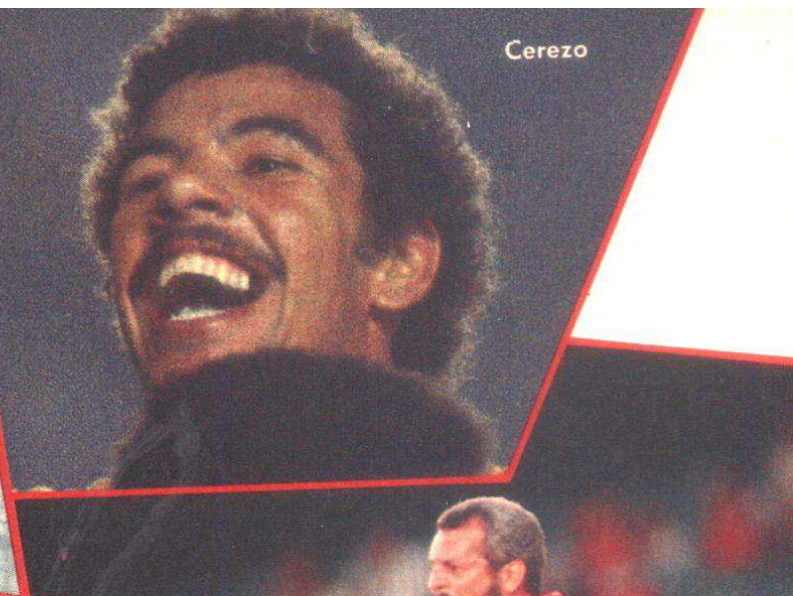
Super-heróis

Sem superpoderes, eles são o xodó da galera pela garra e paixão que mostram em campo

Para o torcedor, eles eram o próprio time. Por isso, nunca precisaram das jogadas e gols decisivos que às vezes faziam para ganhar um lugar em seu coração. Bastava a simples presença em campo, molhando com suor e, em alguns casos, com sangue a camisa do clube que defendiam, para despertar uma imediata identificação com as arquibancadas.

Freqüentemente, esses jogadores, que faziam do esforço sobre-humano a arma para rivalizar com os craques na preferência popular, eram rebatizados com nomes grandiosos, para mais bem ressaltar seus feitos aos olhos da torcida. Foi derrotando o Vasco, com uma certeira cabeçada nos últimos minutos da decisão do Campeonato Carioca de 1978, que o zagueiro flamenguista Rondinelli entrou para a história do futebol como o *Deus da Raça*. Uma marca forte, suficiente para, daí em diante, identificar jogadores que, antes ou depois de Rondinelli, ''carregavam o piano''.

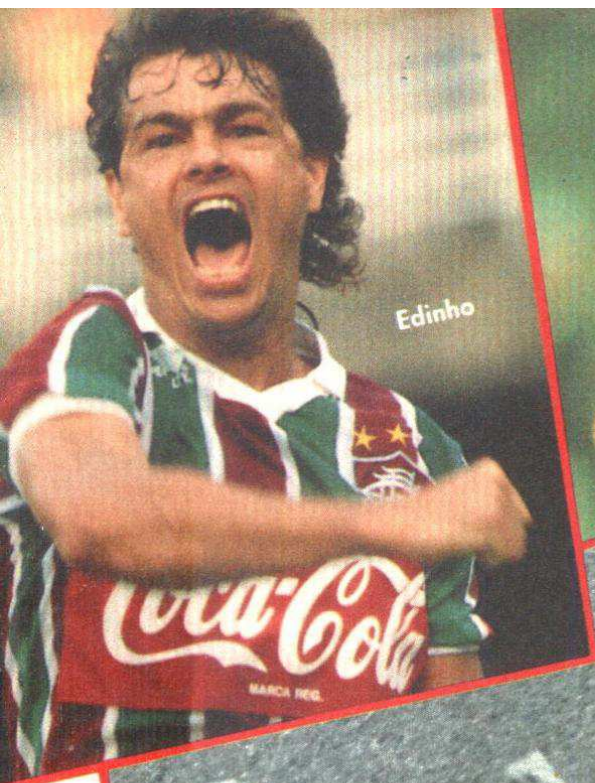
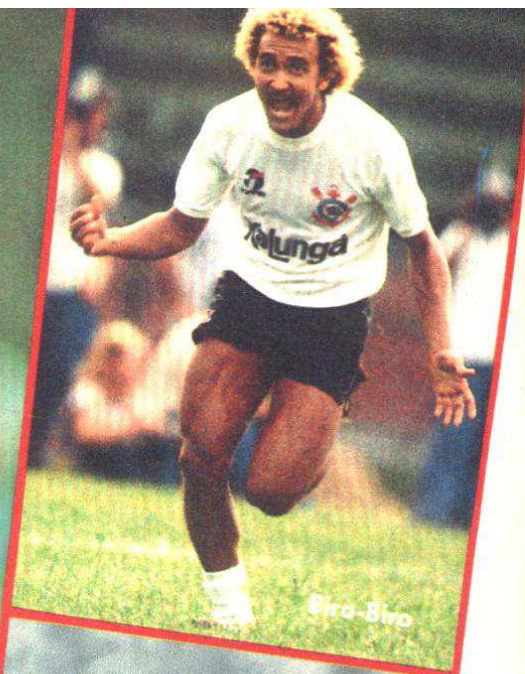
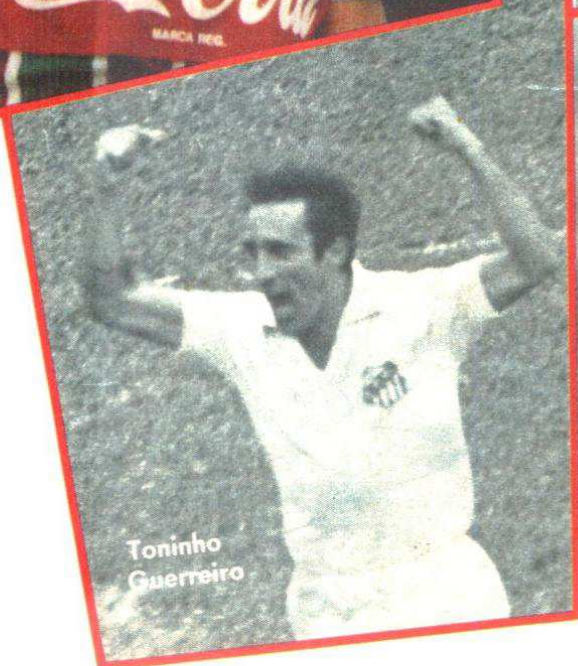
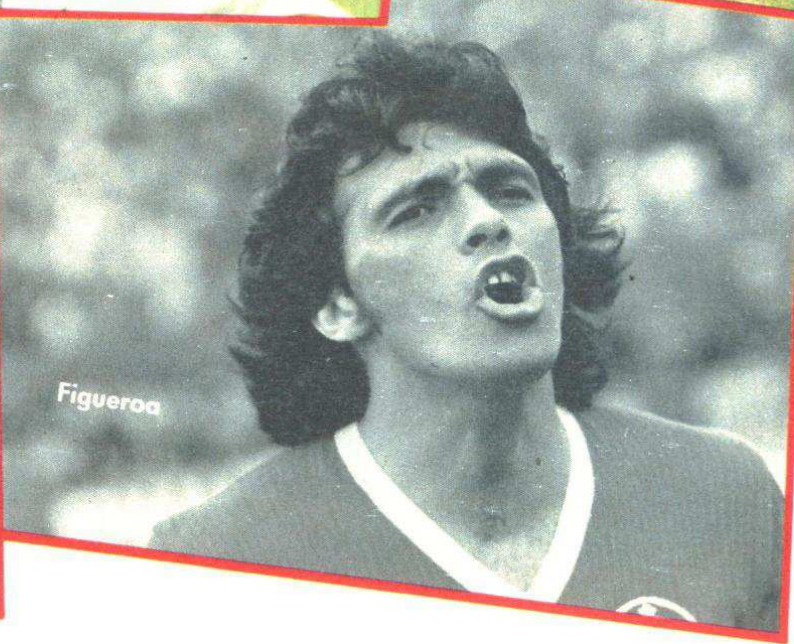
Deuses da raça foram também Zé Maria, no sofrido Corinthians dos anos 70; Chicão, no São Paulo e na Seleção Brasileira, quando parou sozinho

Cerezo
Forlan
Beckenbauer
Júnior

com a cara do povão

a Argentina, no terreiro inimigo, na Copa de 1978; e Caçapava, a explosão de força no Internacional bicampeão brasileiro em 1975 e 1976. Jogadores que, embora reconhecidamente limitados, revertiam todas as expectativas e buscavam forças não se sabe onde para decidir uma jogada, uma partida ou mesmo um campeonato.

''Existem motivações internas, escondidas no ser humano, que só podem ser despertadas por motivações externas'', observa Eliane Barbanti, professora da Universidade de São Paulo e especialista em Psicologia no Esporte. ''São qualidades adormecidas, que o atleta já tem dentro dele e às vezes nem sabe. E, quando ele recebe um troféu, título ou marca, pode passar a demonstrá-las freqüentemente.'' Nesse sentido, o papel da imprensa ao fornecer essas motivações, capazes de fazer ídolos com a cara do time em que jogam, sempre foi fundamental. Às vezes, até, criando deuses por linhas tortas, como aconteceu com Zico. Apelidado de *Galinho* pelo locutor carioca Waldir Amaral, devido à sua fragilidade física, o ídolo flamenguista buscou forças para mostrar o craque que era justamente neste deboche. E, de uma gozação, *Galinho de Quintino* passou a ser sua marca registrada.

Outro caso destacado, mas premeditado, foi o do atacante Roberto. Depois de uma vitória do Vasco contra o Internacional de Porto Alegre, no Maracanã, em 1971, com um gol do ex-juvenil, o jornalista Aparício Pires criou uma explosiva manchete para o *Jornal dos Sports* do dia seguinte, referindo-se ao ''garoto-dinamite''. Daí para a frente, Roberto passou a ser também Dinamite, por dezenove anos sinônimo de Vasco da Gama, um pe-

ríodo durante o qual era impossível imaginá-lo vestindo a camisa de outro time — a prova maior disso se daria em 1980, quando, vendido ao Barcelona da Espanha e cobiçado pelo Flamengo, o Vasco não mediu esforços para trazê-lo de volta. "Hoje, mesmo que eu fizesse tudo de novo, seria difícil que aquela manchete se repetisse", acredita o artilheiro. "A imprensa está mais profissional, abandonou a paixão." O jornalista Armando Nogueira amplia a questão: "Ou os jogadores já não merecem mais os nomes que a imprensa dava antes ou a crônica esportiva empobreceu".

A defesa dos que trabalham nos veículos de comunicação é quase unânime: já não se fazem mais deuses da raça como antigamente. Só algumas poucas vozes discordantes, como a do vascaíno Sérgio Cabral, reconhecem: "Apesar de haver mesmo uma crise de ídolos, nós, jornalistas esportivos, também estamos, hoje, mais frios, objetivos e tímidos do que antes".

Mais que a falta de heróis, porém, o que atrapalha a identificação dos torcedores com novos exemplos de abnegação pelas cores de seu time é a mudança constante de clube para clube. Fenômeno que já ocorria, é verdade, nos anos 60 — quando Silva, chamado *O Dez de Ouro* do Flamengo, teve que trocar até de apelido ao se transferir para São Januário, onde acabou virando *Batuta*, campeão carioca de 1970 pelo Vasco. Mas era um caso raro, diferente destes tempos em que Bebeto trocou o Flamengo pelo Vasco em meio de temporada e Renato Gaúcho, em menos de um ano, já jogou pelo Flamengo, Botafogo e Grêmio, onde afinal havia começado sua carreira. "Não dá tempo para você criar nada, nem para o jogador se identificar como símbolo de seu time", atesta o comentarista Washington Rodrigues, da Rádio Globo do Rio de Janeiro. "É como se Santa Teresinha, que é católica, de um dia para o outro amanhecesse protestante."

A resposta para essa relação quase religiosa, às vezes mítica, que o torcedor mantém de tempos em tempos com determinados jogadores talvez esteja mesmo fora de campo. Não é à toa que sua preferência recaia quase sempre no grosso, no socialmente desprotegido, como o nordestino Biro-Biro, o negro Caçapava ou o rústico Rondinelli. Porque a luta destes pela bola, dentro de um gramado, parece às vezes tão dura e desigual quanto aquela que o homem das arquibancadas trava, no seu dia-a-dia, pela sobrevivência.

RONALDO KOTSCHO

Com ele, não havia dividida
que não fosse sua,
assim como não havia
vitoria impossível

IGNÁCIO FERREIRA

O Deus da Raça

Rondinelli

Determinado, ele virou mito pela valentia

Era como se, a cada instante, a vitória dependesse unicamente de sua presença. Não havia um momento para descanso ou um erro passível de ser desculpado. Durante uma partida, só existia uma coisa na cabeça de Rondinelli: o desejo de vencer, não importando o que fosse necessário para isso. As contusões se tornaram inevitáveis, mas em troca ele conquistou o reconhecimento da torcida, que o elegeu a própria encarnação da alma rubro-negra.

O Deus da Raça

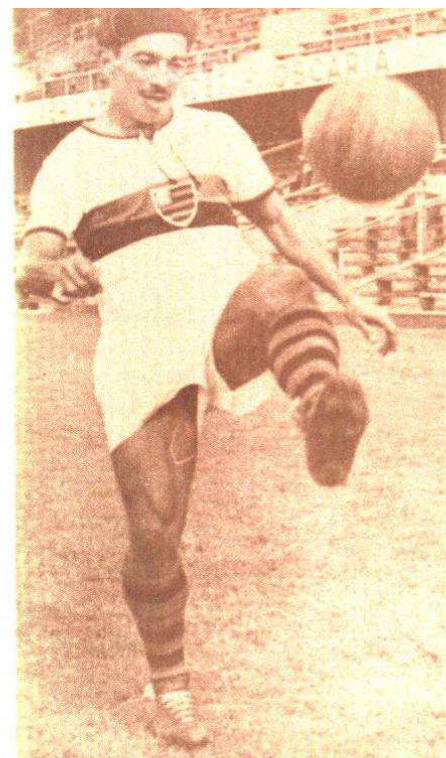
Não é preciso ir longe para entender o motivo que tornava Rondinelli tão especial. Basta conhecer sua filosofia para atuar na zaga-central. "Todo jogador tem direito a errar, desde que acerte 99,9% das jogadas." Essa luta para atingir a perfeição — uma qualidade divina — era a justificativa utilizada pelos torcedores para tratá-lo por um apelido que revelava seu imenso carinho por ele: *Deus da Raça*.

"Sempre fui o que os flamenguistas gostariam de ser, brigando pela bola como por um prato de comida", conta Rondinelli. "Por isso cativei a torcida." E também intimidou os adversários. Rivelino, em um dos primeiros Fla-Flus disputados pelo gigante rubro-negro, se assustou ao perceber o zagueiro se jogando de cabeça para ganhar uma dividida. E a cada nova disputa, mais o amor dos torcedores aumentava, fazendo com que Rondinelli se sentisse ainda mais à vontade em vestir a camisa do clube.

O resultado foram gols históricos, como o da final do Campeonato Carioca de 1978, quando marcou no último minuto contra o Vasco. "Naquele jogo, só me arrependo de não ter saltado para a geral e comemorado o gol junto da torcida", lembra com tristeza. Mesmo sem o contato direto com o seu *Deus*, a torcida sabe que dificilmente terá um jogador que leve tão a sério a tradição de luta flamenguista. Afinal, ela tem consciência de que, mais do que qualquer outro, Rondinelli é Flamengo até morrer.

IGNACIO FERREIRA

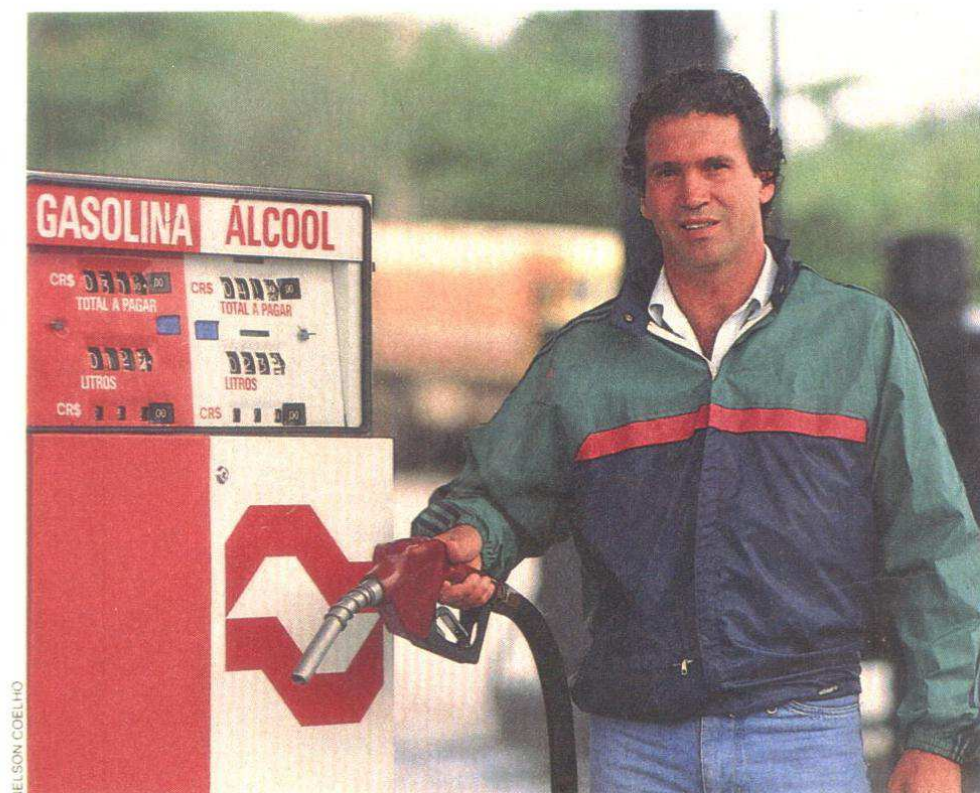
1978: herói e povão comemoram

Seu segredo: ser um torcedor no gramado

ABRIL

Biguá: dinheiro não era importante

Os príncipes guerreiros

A torcida do Flamengo nem imaginava que um dia contaria com a presença decisiva de Rondinelli em sua defesa. Dentro de campo, protegendo o pavilhão rubro-negro como se defendessem a própria

Onde Anda

NELSON COELHO

O zagueiro hoje é apenas um pacato comerciante no interior de São Paulo

De volta às raízes

O jeito manso de falar e a perfeita identificação com a torcida do Flamengo transmitiam a exata imagem de um cidadão carioca. Antônio José Rondinelli Tobias, no entanto, é hoje um pacato morador da interiorana São José do Rio Pardo (SP), onde nasceu. Atualmente cuida de um posto de gasolina de sua propriedade na cidade e vive com a mulher, Darli, e os filhos Antônio José e Fabiane. Do tempo de jogador, ficou apenas a lição de fazer o melhor, seja qual for o trabalho, como fazia quando jogava. "Não me importava o adversário. O importante era a vontade", lembra

SEBASTIÃO MARINHO

Reyes: o general dos anos 60 e 70

casa, pelo menos dois jogadores já haviam demonstrado por que a glória rubro-negra é lutar. Essa tradição começou nos distantes anos 40, com um lateral capaz de fazer tremer até mesmo o mitológico ponta argentino Loustau, que o elegeu seu melhor marcador: Biguá, para quem, mais importante do que a própria carreira era honrar as cores do Flamengo.

Tanto que recusou uma proposta milionária do Corinthians e permaneceu na Gávea durante toda a carreira — de 1941 até abandonar o futebol em 1953.

No final dos anos 60, um paraguaio de técnica refinada e que aparentemente não tinha muito a oferecer a um time acostumado a guerreiros também contagiou a torcida com uma determinação digna de um general em plena Guerra do Paraguai. Convencido pelo técnico Iustrich a trocar a cabeça-de-área — posição em que atuava no Presidente Hayes, onde começou, Olímpia, Atlético Madrid e Seleção Paraguaia, antes de chegar à Gávea — pela quarta-zaga, Reyes se transformou em símbolo de uma época e no melhor jogador da posição na história flamenguista, segundo uma pesquisa de PLACAR realizada em 1981. A raça foi necessária também para superar a primeira fase no clube, quando foi emprestado ao Campo Grande. Por isso, se Rondinelli pode ser encarado como símbolo de garra rubro-negra, os torcedores mais antigos sabem que determinação será sempre um pré-requisito para vestir a camisa do Flamengo.

ANDRE DURAO AG O GLOBO

Liderando o novo Mengão, Júnior é um exemplo de amor à camisa

Mito de sangue azul

A bola colada a seus pés revela um gênio de pura técnica. A elegância com que conduz o jovem time do Flamengo ao ataque parece distanciá-lo da imagem estabelecida que caracteriza os símbolos da raça. A superação para se transformar no líder da equipe aos 36 anos, porém, faz com que só exista uma diferença entre Júnior e os outros mitos da dedicação: além de flamenguista, o talento que corre em suas veias é o de um príncipe do futebol.

Mais impressionante do que a nobreza de suas jogadas é a vitalidade para correr todo o campo, que guarda dos tempos em que foi lançado na lateral-esquerda do clube, em meados dos anos 70. Mesmo naquela época, faltava-lhe a experiência para percorrer os atalhos do campo com um desgaste mínimo e uma produtividade espantosa. Por isso, mesmo sem divididas fortes ou explosões de vigor físico, Júnior é hoje a própria expressão de um hábito flamenguista: o amor ao clube sobre todas as coisas.

RONALDO KOTSCHO

A Supergarra

Zé Maria

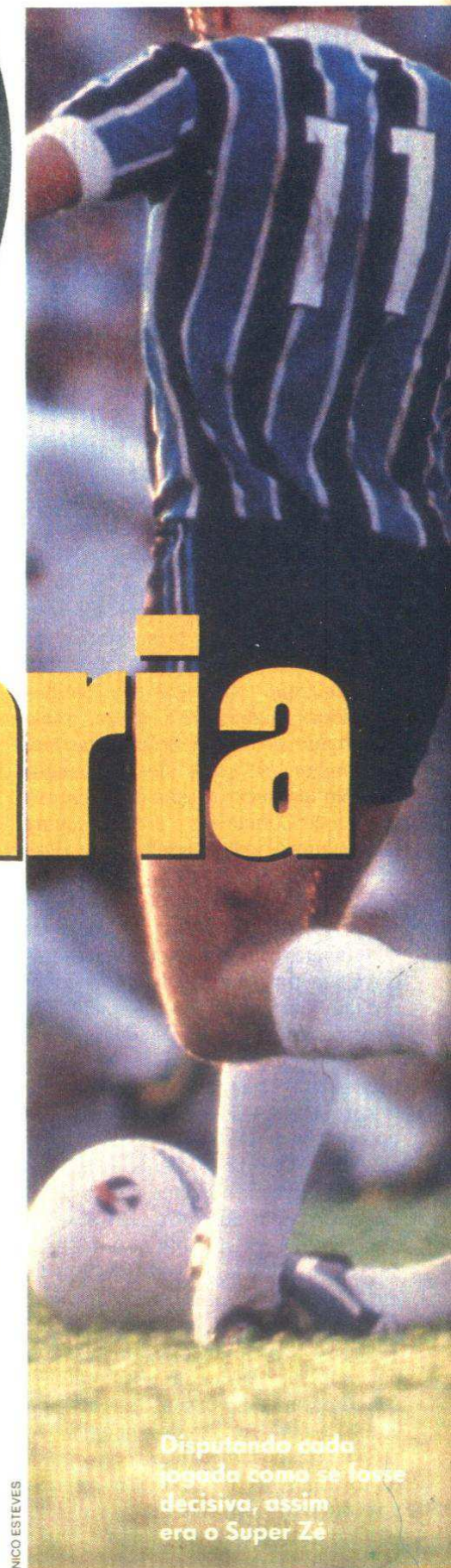
Nada o tirava de campo. Nem os médicos

Em alguns jogos, ele podia até não corresponder sob o aspecto técnico. Para a torcida, no entanto, isso era o que menos importava. Sua simples presença em campo era suficiente para deixá-la, no mínimo, com a garantia de que veria muita disposição. Por isso, mesmo nos momentos mais delicados da história do clube, os corintianos reconheciam seu valor. Em troca, Zé Maria dobrava a dedicação, não se importando com contusões e chegando a jogar com a camisa completamente ensangüentada. Mais importante para o Super Zé — como a Fiel o tratava carinhosamente — era honrar as cores pelas quais alimentava uma imensa paixão desde a infância. Hoje, mesmo depois de passados nove anos do dia em que esvaziou seus armários no Parque São Jorge, ele sabe que tem um lugar eternamente assegurado

RONALDO KOTSCHO

Final de 1979: a superação que levou ao título

NICO ESTEVES

Disputando cada jogada como se fosse decisiva, assim era o Super Zé

no coração da nação alvinegra .

Apesar de apaixonado pelo clube desde criança, o espelho em que o craque se mirou para encantar o país com um futebol sério e objetivo não compartilhava desse amor: era Djalma Santos, que jamais jogou pelo Corinthians. Se não conseguiu igualar toda a técnica daquele que foi o melhor lateral-direito do futebol brasileiro e um dos maiores do mundo, Zé Maria herdou o espírito de liderança para comandar os companheiros quando a equipe mais precisava de sua presença. Mas, em sua visão apaixonada e modesta, essa característica deveria ser encontrada em todos os jogadores do Corinthians, não sendo portanto privilégio daquele que usa a braçadeira de capitão, como ele na época. "Capitão só serve para tirar cara ou coroa", afirmava, mesmo com a faixa no braço.

Com seu amor, o clube retomou suas glórias

MANOEL MOTTA

Em campo, garantia de luta permanente

Na prática, porém, todos sabiam que era diferente. Sua disposição era infinitamente maior do que a dos outros e capaz de espantar até seus médicos, como aconteceu na final do Campeonato Paulista de 1979, quando deixou o campo na partida contra a Ponte Preta, com o supercílio aberto. Nem os médicos conseguiram segurar o lateral, que retornou ao gramado apesar de ser aconselhado a abandonar o jogo. "Eu só pensava em ser campeão", explica Zé Maria.

Vendo-o retornar a campo com a camisa cheia de sangue, numa imagem que foi eternizada em fotos de jornais e revistas, os outros jogadores também se multiplicaram e deram ao clube, no peito e na raça, o segundo título após o angustiante jejum de 23 anos. Hoje, a torcida sabe que foi graças à supergarra do Super Zé que o Corinthians reencontrou o seu caminho das glórias. Por isso, até o fim dos tempos, quem o viu jogar continuará encarando-o como um legítimo super-herói corintiano.

NELSON COELHO

Hoje ele dá aulas em sua escolinha, transmitindo lições de amor à garotada

Criando novos deuses

Se ter em quem se mirar é o primeiro passo para a formação de um craque, o futebol brasileiro está prestes a criar uma das melhores safras de laterais-direitos de sua história. Pelo menos é o que se pode imaginar conhecendo a atividade atual de Zé Maria, professor de futebol na escolinha que mantém na Marginal da Via Anhangüera, na Grande São Paulo. "Para mim é muito gratificante ensinar a garotada", conta. A sorte não é só dos meninos que têm o prazer do contato com o ídolo, mas também das torcidas que puderem contar com os novos exemplos de fibra. Resta apenas esperar para conferir

A galera ia à loucura

Campeão paulista em 1951, 52 e 54, o time do Corinthians era conhecido sobretudo como uma equipe valente, de luta e decisão, capaz de transformar resultados adversos em vitórias consagradas. E, mais do que qualquer outro jogador daquela época, o lateral-direito Idário personificava em campo essa fibra alvinegra. Ele mesmo se considerava apenas um jogador de talento médio, mas que usava o vigor físico e muita disposição para superar adversários mais talentosos. Seus duelos com o irreverente ponta-esquerda Canhoteiro, do São Paulo, por exemplo, eram um espetáculo dentro do espetáculo.

Por exatas 470 vezes, a torcida pôde assistir a essas lições de amor à camisa, que o lateral dava em qualquer campo, contra qualquer adversário. Ele foi um ídolo e um símbolo. Ídolo pela bravura; símbolo pela dedicação.

FLÁVIO CANALONGA

Biro: o milagre da multiplicação

ABRIL

Idário: bravura de incendiar os fiéis

Em fins da década de 70, a nação corintiana ganhou um outro ídolo e um outro símbolo em um nordestino franzino, que atendia pelo estranho apelido de Biro-Biro. Também sem ser um craque refinado, ele conquistou corações e mentes por estar em todos os lugares, multiplicando-se em campo para dar ao clube mais um gol, mais uma vitória, mais um título. Com sua tenacidade e garra, Biro chegou até mesmo a ofuscar o brilho do futebol cerebral do doutor Sócrates em certos momentos, como quando fez um inesquecível gol de canela na vitória sobre o Palmeiras, nas semifinais do Campeonato Paulista de 1979.

Herdeiro da Raça

Márcio: gigante que mantém a tradição

ORLANDO KISSNER

Fibra bem recomendada

Era como um aviso. Um jogador que substituísse o guerreiro Biro-Biro na cabeça-de-área corintiana sem deixar saudade na Fiel só poderia ser um predestinado para assumir a mítica da raça corintiana. Depois de um título paulista e um brasileiro com Márcio na equipe, a torcida sabe que pode confiar na valentia e liderança de seu volante. "Sem dúvida ele é um dos meus sucessores", proclama o próprio Zé Maria, com o aval de símbolo e torcedor alvinegro, já que atualmente freqüenta os estádios para torcer pelo clube.

RICARDO CORRÊA

Com essa opinião e a confiança da torcida, Márcio só precisa de tempo para provar ao resto do país que se existe um símbolo de garra atualmente no Parque São Jorge, ele veste a camisa 5 do Corinthians.

O Dono do Timinho

Edinho

Com técnica e determinação, o zagueiro marcou a história tricolor

O campo molhado e a chuva forte eram tudo de que ele precisava na cobrança da falta. O chute preciso, forte, completava um cenário perfeito. Quando a bola úmida bateu no peito do goleiro vascaíno Mazarópi e escorreu mansamente para as redes, consolidando o título carioca do Fluminense de 1980, a torcida sabia que o gosto de campeão era um prêmio justo para o quarto-zagueiro Edinho, um jogador que carregara a equipe durante toda a campanha, acabando de vez com a fama de "timinho", criada em cima de um elenco barato e sem estrelas.

Edinho fez da vibração sua grande [illegible] dentro [illegible]

FOTOS ARI GOMES

O Dono do Timinho

A trajetória para transformar aqueles jogadores medianos em uma equipe poderosa, porém, não foi feita com sombra e água fresca. Se não cobrava determinação diretamente de seus companheiros, as divididas sérias e as arrancadas para o ataque, demonstrando uma verdadeira obsessão pela vitória, tornaram-no o legítimo dono do "timinho".

A personalidade forte do zagueiro foi reconhecida logo que chegou às Laranjeiras. A primeira amostra veio com a formação da "Máquina Tricolor" dos anos 70. Mesmo com craques como Rivelino, Doval e Carlos Alberto Torres, Edinho conseguiu seu lugar na equipe titular e conquistou o título carioca de 1976. A receita era simples: sem medo dos cobras, a ordem era trabalhar corretamente sem dar ouvidos a possíveis críticas. "Nunca cobrei nem fui cobrado. Fazia o meu e só queria que os outros fizessem sua parte também", explica Edinho.

Para quem imaginava que os aristocráticos tricolores pudessem não se adaptar a tanta garra, ele respondia com um futebol técnico sempre que possível. "Mas qualquer torcida gosta de disposição", argumenta. Prova disso foi o retorno ao clube em 1988, depois de passagens pela Udinese, da Itália — onde jogou entre 1982 e 1987 —, e Flamengo, pelo qual se sagrou campeão da Copa União de 1987. A volta marcou o prosseguimento de um caso de amor e, apesar da má fase técnica da equipe em 1988 e 1989, serviu para mostrar que os tricolores podiam contar com o zagueiro nas boas e más horas. Afinal, independentemente dos resultados e da qualidade dos companheiros, ele era e continua sendo um autêntico tricolor de coração.

Sem medo dos cobras, construiu seu espaço

ARI GOMES

Força nas divididas e arrancadas: um tricolor de coração

Onde Anda

NILTON CLAUDINO

Mais que nunca, dono do "timinho": como técnico, transmitindo um espírito guerreiro

Difundindo sua raça

Se não discutia nem cobrava de seus companheiros quando estava em campo, chegou a hora de Edinho exigir determinação. Desde o início do Campeonato Carioca ele é o técnico da equipe profissional do Fluminense. E pelo visto os jogadores têm compreendido o sentido de suas exigências. "A conquista da Taça Guanabara prova que todos entenderam que quero um time guerreiro", argumenta o treinador. Hoje, mesmo sujeito a eventuais demissões, como qualquer outro treinador, Edinho já abriu seu mercado no futebol brasileiro. Onde estiver, existirá sempre a garantia de um time extremamente valente

A tradição da valentia

Alto, forte, pernas ligeiramente arqueadas como um xerife do Velho Oeste, João Batista Carlos Pinheiro foi titular da camisa 3 do Fluminense por quase quinze anos. Seu temperamento forte, somado ao fato de não gostar de perder, fez dele o grande líder do time campeão carioca de 1951 e 1959, formando um trio lendário com o goleiro Castilho e o lateral Píndaro.

Nos anos 80, foi a vez de um paraguaio, o atacante Romerito, comandar em campo a equipe tricolor rumo ao tricampeonato carioca de 1983/84/85 e ao título brasileiro de 1984, ano em que chegou às Laranjeiras. " Quero ganhar sempre. Por isso, não tem essa de tirar a perna nas divididas", Romerito gostava de dizer. Em sua ânsia por vitórias, o craque paraguaio às vezes chegava até a ser duro nas críticas aos companheiros, que reagiam em campo lutando sem descanso, exatamente como Romerito queria.

ARI GOMES

Romerito: "Quero ganhar sempre. Por isso, não tem essa de tirar a perninha"

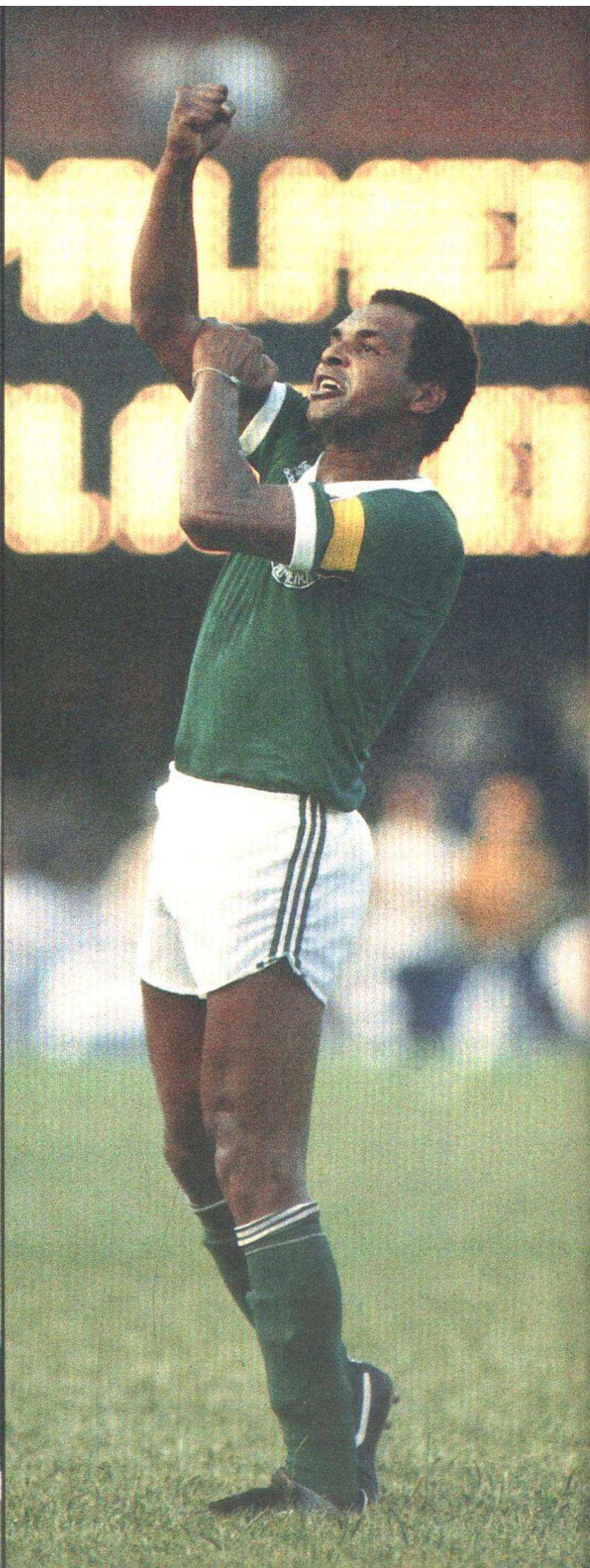
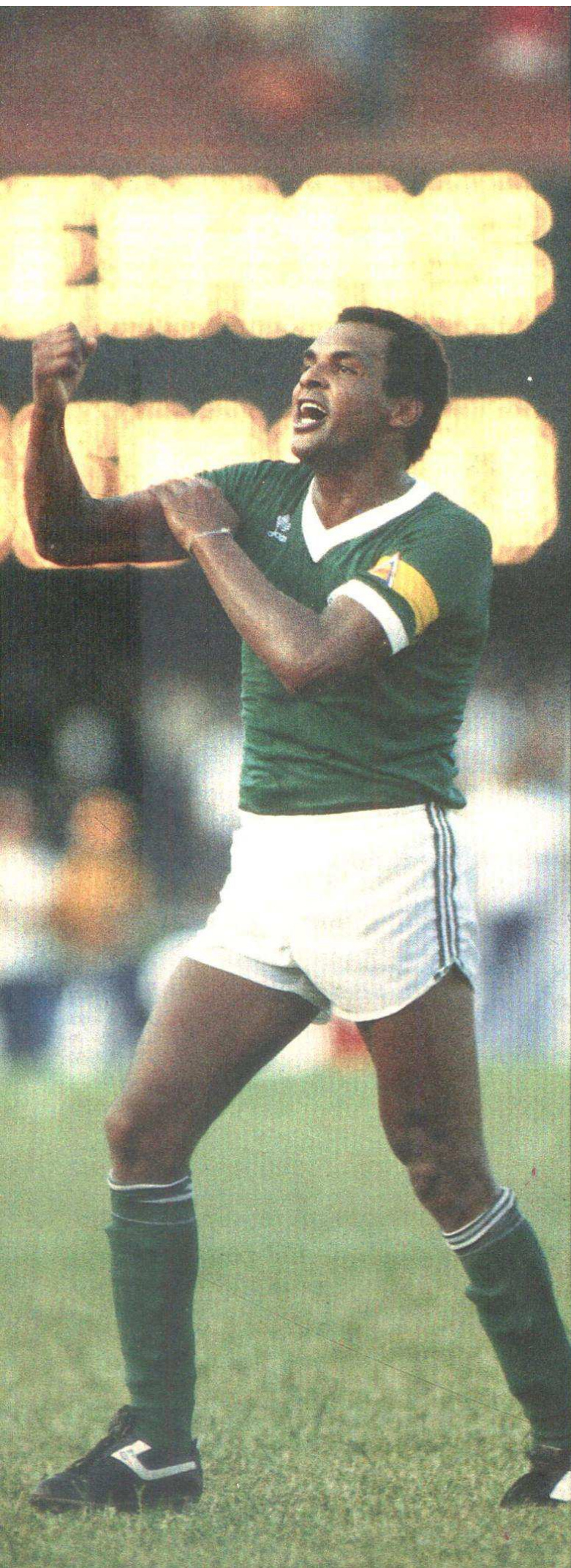
Herdeiro da Raça

EVANDRO TEIXEIRA AG. JB

Importado do Sul, o jovem Sandro vai assumindo a mística da fibra

A volta da velha garra

A tradição tricolor de contratar jogadores do sul do país, como Branco, Tato e Leomir, trouxe bons frutos. Vindo do Internacional-RS no início do ano, Sandro ganhou a posição de titular da zaga-central e passou a aterrorizar os atacantes adversários com divididas fortes e às vezes até violentas. Se lhe falta a técnica que consagrou Edinho na defesa tricolor, sobram-lhe a garra e a determinação para levar a equipe às vitórias.

O resultado foi a volta dos tempos de vitórias do Fluminense, que não aconteciam desde 1985, quando o clube conquistou pela última vez o título estadual. O recomeço foi a Taça Guanabara deste ano, restando agora esperar pela decisão do campeonato para descobrir se a volta da valentia à defesa do Fluminense continuará trazendo bons resultados para os torcedores.

O Gigante da Academia

Luís Pereira

O Palmeiras era ele, com sua imensa generosidade em campo

Em seu amor pelo clube, Luisão chegava ate a desafiar as outras torcidas

FOTOS PEDRO MARTINELLI

Mesmo se se criasse uma parede para separar a defesa palmeirense dos ataques adversários no início dos anos 70, a galera alviverde não se sentiria tão segura. A elegância com que dominava sua área, sem permitir que os inimigos se aproximassem, fazia de Luís Pereira mais do que isso. Era por ele que começava a estrutura do maior time brasileiro da época e nele os torcedores reconheciam a exata imagem expressada na letra do hino do clube: o alviverde imponente.

Com ele no time, o técnico Osvaldo Brandão sabia que, nos momentos de dificuldade, podia contar com um verdadeiro gigante, intransponível em sua própria área e com um pulmão capaz de impulsioná-lo por todo o campo para marcar gols decisivos. Mas nas horas em que o jogo ficava tranqüilo Brandão não gostava das descidas de seu zagueiro. ''Ele me ameaçava tirar de campo se fosse mais de três vezes ao ataque'', lembra. ''Eu ia duas e na terceira me segurava'', conta com ar irônico.

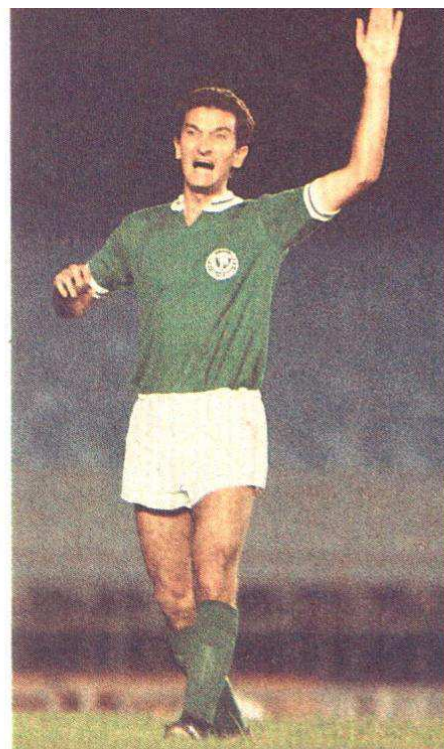
O Gigante da Academia

Mas o técnico não moldou a conduta de Luís Pereira apenas nesse aspecto. As cobranças de divididas firmes e de dedicação em todos os jogos foram o primeiro passo da formação do *Gigante da Academia*. "Para mim, Brandão foi como um segundo pai", reconhece. Sorte da torcida do Palmeiras, que ganhou um exemplo de determinação e um símbolo de amor ao clube. Curiosamente, porém, as raízes do zagueiro revelam uma paixão pelo eterno rival Corinthians nos tempos em que jogava na General Motors, em São Caetano do Sul, e atendia pelo apelido de *Chevrolet*. Mas ao chegar ao Parque Antártica, foi como se percebesse que seu verdadeiro carinho estava escondido sob seus olhos. "Me apaixonei pelo Palmeiras e acho que os torcedores perceberam esse amor. Por isso nos identificamos tanto", diz.

LEMYR MARTINS

Luisão era o rei absoluto da área

E foi essa paixão que o levou a sentir um prazer especial em vencer o Corinthians na final do Campeonato Paulista de 1974, impedindo a quebra de um jejum que vinha desde 1954. Prova de que os doze anos de amor dedicados ao ídolo pelos palmeirenses — oito na década de 70 e quatro em seu retorno, na de 80 — não foram desperdiçados. E se hoje falta um jogador com as mesmas características de Luís Pereira, ficou ao menos o exemplo à nova geração de que é preciso ter um pouco da sua imponência para vestir a camisa alviverde.

Ele fez da imponência a sua marca

ZEKA ARAUJO

Dudu: barreira depois de desmaio

Para sempre no coração

Quando Waldemar Fiume decidiu parar de jogar, em 1951, o Palmeiras mandou erguer um busto do jogador nos jardins do Parque Antártica, em reconhecimento ao amor e determinação com que ele defendeu a camisa do

Onde Anda

NELSON COELHO

Hoje, jogando pelo São Caetano, Luís Pereira é ainda símbolo de determinação

A área ainda é sua

A diretoria palmeirense comandada pelo presidente Nélson Duque conseguiu brecar a passagem de Luís Pereira pelo clube, em 1985. O amor pela bola, no entanto, continua intacto. Por isso, o antigo craque alviverde, nascido em Juazeiro, na Bahia, ainda corre atrás da bola no modesto São Caetano, da Segunda Divisão paulista. Ele chegou ao clube em março passado, depois de atuar na Central Brasileira de Cotia em 1990. Hoje, na cidade onde foi criado, ele tem uma imagem histórica ao lado de sua casa: o campo da General Motors, onde começou a se construir o *Gigante*

ABRIL

Fiume: o inesquecível *Pai da Bola*

clube durante nove anos. As palavras do pedestal são simples mas eloqüentes: "A Waldemar Fiume, exemplo de dedicação, a gratidão do Palmeiras".

Clássico e disciplinado, Fiume raras vezes foi advertido pelos árbitros durante o tempo em que jogou, apesar da garra com que disputava cada jogada. Contemporâneo de verdadeiras lendas da história palmeirense, como o goleiro Oberdan Catani, Lima, Aquiles e o argentino Luís Villa, foi ele no entanto o eleito pela torcida para ser uma espécie de símbolo eterno da alma alviverde. Além do busto, Fiume ganhou um apelido que é a exata medida do que representou para o clube: *Pai da Bola*.

Uma década e meia depois, o Parque Antártica veria Waldemar Fiume ganhar um substituto à altura. Como ele, Dudu era também um jogador disciplinado e um marcador eficiente e aplicado. Durante os doze anos em que jogou no Palmeiras, de 1964 a 1976, Olegário Tolói de Oliveira foi um comandante severo dentro de campo. De pessoa normalmente calada, introvertida, ele se transformava completamente. Bastava um companheiro vacilar para ouvir uma descompostura a rigor de Dudu. Mas ninguém se ofendia. Afinal, como se irritar com um jogador que, depois de passar alguns minutos desacordado, levantava-se correndo para ir formar na barreira? Foi exatamente isso que Dudu fez na decisão do Campeonato Paulista de 1974, contra o Corinthians. Um gesto que incendiou o time e levou o Palmeiras ao título.

RICARDO CORRÊA

O herdeiro do gigante: firmeza na defesa e gols no ataque

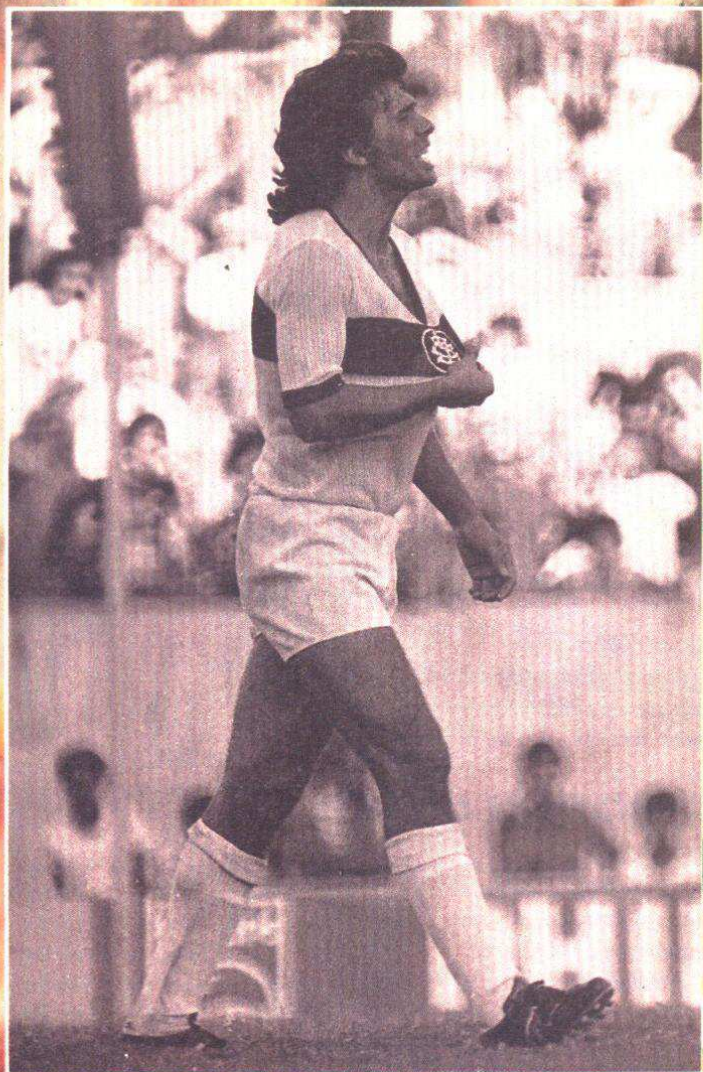
Seriedade nos anos 90

A técnica rústica passa a impressão aos adversários de que o herdeiro da camisa 3 alviverde não passa de um "grosso". De seu próprio defeito, porém, o zagueiro Toninho retira sua maior qualidade. Sem capacidade para sair jogando diante de adversários mais técnicos, ele usa uma arma tradicionalmente infalível para os jogadores da posição: seriedade.

No Campeonato Paulista deste ano, a torcida recebeu também uma agradável surpresa. Além da eficiência nos desarmes, Toninho resolveu seguir o caminho do mestre Luís Pereira e foi ao ataque fazer gols. E quando os perde fica inconformado, capaz de deixar o campo chorando como um garoto, como aconteceu depois de desperdiçar um pênalti que daria a vitória ao time em um jogo do Campeonato Brasileiro de 1988. Prova de que, se lhe falta técnica, sobra-lhe uma qualidade: em suas veias corre o puro sangue palmeirense.

Contra os adversários,
um gigante que
não se acomodava
em nenhum instante

O Patrão da Área

Figueroa

Sua força venceu doença e atacantes

O menino frágil, recém-saído de uma operação por problemas respiratórios, nunca voltaria a correr normalmente, diziam os médicos. Uma previsão sombria, que parecia ainda mais próxima da realidade quando ele completou 10 anos e se viu vítima de um princípio de poliomielite. Ao fazerem o diagnóstico, porém, os médicos não sabiam que não estavam lidando com um ser humano comum e sim com um gigante de determinação, que jamais se submeteria à humilhação de ser inferior a alguém. Dos 10 aos 15 anos, Elias Ricardo Figueroa não apenas se recuperou fisicamente como começou a fazer aquilo que se tornaria seu maior prazer: jogar futebol.

Mas a doença foi apenas a primeira vitória de sua vida. Obstinado, ele passou então a lutar para se tornar o melhor. A bola agora significava a sobrevivência de sua família. Por isso, criou seu lema para vencer na zaga-central, a posição escolhida. ''A grande área é minha casa e nela só entra quem eu quero'', dizia com ar ameaçador. O patrão da área colorada, no entanto, era extremamente democrático. Não fazia distinção de raça, religião ou cor de camisa. Em seu território só não se permitia a entrada de atacantes.

E ele era o primeiro a se cobrar seriedade.

J B SCALCO

Gritar com os jovens: receita para extrair brio

O Patrão da Área

Se eventuais más jornadas podiam acontecer, a acomodação não fazia parte de seu vocabulário. "É preciso sempre lutar por todas as divididas", pregava. O resultado foi a rápida conquista da torcida, que o encarava como o responsável pela formação do maior time da história colorada, criando em revelações como Batista e Falcão o brio necessário para vestir a camisa do Internacional.

Para isso, não era raro vê-lo treinando gripado ou mesmo entrando em campo doente. O resultado foi a conquista de todos os títulos gaúchos que disputou entre 1971 e 1976 e dos brasileiros de 1975 e 1976. Em todo o período em que esteve no Beira-Rio, a única queixa da torcida foi em 1977. Nesse ano, *Don* Elias Figueroa partiu, deixando apenas uma imensa e insuperável saudade.

A área era sua casa: só entrava quem deixava

J.B SCALCO

Caçapava manteve viva, num time de craques, a tradição guerreira colorada

A história na marra

Como todo time do povo, a galeria de heróis do Internacional é repleta de nomes inesquecíveis, como Nena, zagueiro-central do "Rolo Compressor" da década de 40, que antes de começar o jogo ia até a frente da meia-lua de sua área e riscava uma cruz com o pé, para avisar os adversários até onde podiam ir. Neste mesmo time, havia também o negro Ávila, um centromédio que comandou a resistência colorada no Gre-Nal decisivo de 1944, quando, com apenas oito homens úteis em campo, o Inter ganhou de 2 x 1, conquistando o penta. Na década de 70, esta chama continuou sendo honrada, principalmente por Caçapava. Apesar das limitações de seu futebol, ele conquistou seu espaço no coração da galera por sua raça e valentia, num time cheio de craques, como Falcão, Carpegiani e Manga.

Onde Anda

LIANE NEVES

Na tela, ainda ao lado da bola

O Brasil para os chilenos

Os cinco anos dedicados ao Inter criaram em Figueroa uma relação especial com o Brasil. Por isso, hoje ele não só tem um programa sobre futebol brasileiro na UCV Televisión do Chile como também comentou a Copa América para a Rádio Gaúcha. Agora, sua casa é o microfone

Herdeiro da Raça

ADOLFO GERCHMANN

Identificado com a torcida e pronto para honrar o Beira-Rio

O elegante sucessor

O futebol clássico e ao mesmo tempo enérgico tornam Márcio Santos um digno sucessor dos grandes zagueiros colorados. Mais: a identificação com a torcida o coloca no caminho natural para se tornar o novo dono da área do Beira-Rio. Prova disso foram a rápida ascensão e a convocação para a Seleção Brasileira pelos técnicos Paulo Roberto Falcão e Ernesto Paulo. Os torcedores hoje sabem que basta lhe dar um pouco de tempo para terem um novo gigante em sua zaga.

FOTOS ABRIL

Parar atacantes, como o então garoto Coutinho, do Santos, era sua especialidade

O Eterno Capitão

Bellini

Contra o Flamengo, valentia em dobro

No Vasco e na Seleção, um líder imortal

Deus eterno como seu gesto

Para ele, a técnica era o que menos importava. Ao contrário, era o alvo principal a ser anulado. E, como arma para neutralizá-la, Bellini utilizava sua maior qualidade: o amor à camisa que vestia. Como conseqüência, vieram muitos títulos pelo Vasco e a consagração definitiva como capitão do Brasil na Copa do Mundo de 1958.

O Eterno Capitão

Não foi à toa que o técnico Flávio Costa resolveu colocá-lo na equipe titular do Vasco em 1952. Com Bellini, não havia vez para os atacantes. Nem para a acomodação dos companheiros. Mazzola, por exemplo, foi uma das vítimas de suas cobranças. Na estréia na Copa do Mundo de 1958, contra a Áustria, mesmo sentindo fortes câibras o atacante não foi poupado de uma severa bronca. "Levanta e vamos jogar", gritou Bellini.

FOTOS ABRIL

Sua seriedade contagiou a torcida

Em campo, uma coisa acima de tudo: vencer

Assim também foi nos dez anos em que defendeu o Vasco. Companheiro algum deixou de se esforçar, principalmente nos clássicos contra o Flamengo. "Sentia um prazer especial em ganhar dos rubro-negros porque havia uma escrita de não conseguirmos vencê-los", lembra. Por isso, com ele o Vasco chegou ao "Supersupercampeonato" Carioca de 1958 exatamente contra o Flamengo — o título daquele ano foi assim chamado por obrigar a disputa de um turno extra. Além disso, a liderança do eterno capitão levou o clube aos títulos estaduais de 1952 e 1956, além do Torneio Rio-São Paulo de 1957.

Hoje, para os vascaínos resta apenas a saudade de um tempo em que sabiam que atacantes adversários não tinham lugar em sua área. Afinal, lá estaria sempre a figura segura de Bellini, colocando o desejo de vencer e o amor à camisa acima de tudo.

Onde Anda

RICARDO CORREA

Hoje professor em São Paulo: "É bom trabalhar com a criançada"

Feliz como uma criança

Ainda existe um seleto grupo que pode apreciar o futebol do capitão. Se não tem a mesma forma de trinta anos atrás, hoje ele ensina cerca de 200 garotos de 10 a 16 anos, de segunda a sexta-feira, em uma escolinha de futebol da prefeitura no bairro do Ibirapuera, em São Paulo. A atividade começou há pouco menos de um ano — antes apenas supervisionava as escolas — e o tem deixado feliz. "É muito bom trabalhar com crianças", diz

Chico devolvia pontapés na mesma moeda

Vascaíno até a morte

Até por uma questão prática — ali devem terminar as jogadas adversárias —, a valentia parece ser uma exclusividade dos jogadores de defesa. E na própria história vascaína não faltam exemplos que comprovam esse fato, desde o lendário zagueiro Itália, nas décadas de 20 e 30, ao vigoroso Abel, nos anos 70. Um pouco mais à frente, mas também com a missão de eliminar o perigo dos ataques inimigos, o Vasco teve um outro símbolo de garra: Alcir, que auxilou a equipe a conquistar o Campeonato Brasileiro de 1974.

Foi no ataque, porém, que jogou um dos maiores mitos da história do clube: Francisco Aramburu, o Chico. Para ele não havia jogo perdido e só era possível tirá-lo de campo em estado extremamente grave, como aconteceu no Sul-Americano de 1946, quando defendeu o Brasil em uma verdadeira batalha campal contra o time e a polícia argentinos. Além de apanhar dos policiais, ele foi expulso e não pôde participar do segundo tempo da derrota brasileira por 2 x 0.

Para ele, porém, a violência adversária era o que menos importava. Quando precisava, batia tanto quanto os zagueiros para honrar a camisa que vestia. E em seu time não permitia a presença dos chamados "pipoqueiros", a ponto de contagiar o grupo com sua própria filosofia. "É preciso que a equipe entre em campo disposta a tudo. E, se necessário, o time tem que lutar até a morte."

Herdeiro da Raça

A esperança da torcida é ver a velha garra no filho do capitão

NILTON CLAUDINO

A chegada do filho pródigo

Desde o começo do Campeonato Carioca, a história do Vasco não conta apenas com um capitão. Ela também tem o filho dele. Embora não exista nenhum parentesco com Bellini, Alexandre Torres chegou ao clube com a fama de ser filho de Carlos Alberto, que ergueu a Taça Jules Rimet em 1970. Mais do que isso, ele leva a São Januário um currículo de garra em quatro anos como profissional do Fluminense.

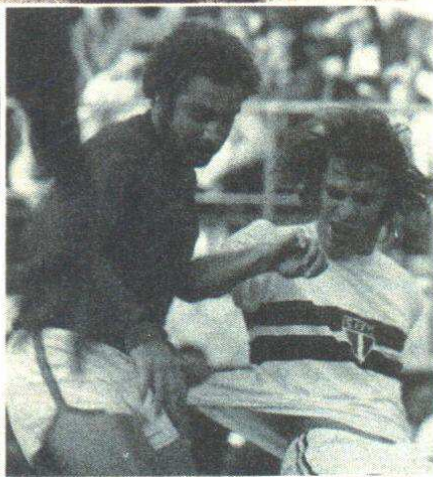
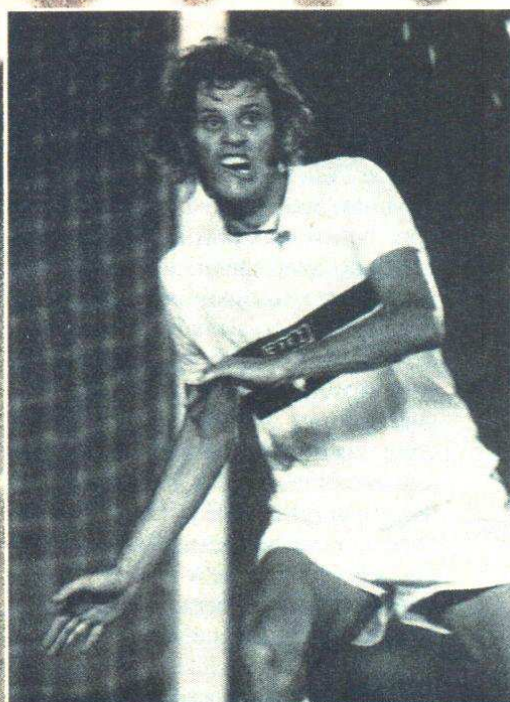
Se hoje ele ainda não conta com toda a admiração que outros gigantes que vestiram a camisa vascaína desfrutaram junto à torcida, Torres é ao menos a promessa de honrar a bandeira do clube e lhe dedicar um grande amor. Resta apenas aguardar que os resultados apareçam para ver o surgimento de um novo ''deus da raça'' vascaíno.

MANOEL MOTA

O Guerreiro da Fé

Forlan

Para ele, não havia vitórias impossíveis

A fibra adquirida no Uruguai contaminou os tricolores e fez do lateral um dos gigantes do Morumbi

MANOEL MOTA

ZEKA ARAUJO

SEBASTIÃO MARINHO

Se estivesse em campo na final da Copa do Mundo de 1950, contra o Brasil, o lateral uruguaio Pablo Justo Forlan Lamarque poderia ter mudado o comportamento de Obdulio Varela em campo. Em vez de seus gritos exigindo *"mas alma"* dos companheiros, a decisão seria marcada pelo dedo indicador do capitão uruguaio apontando em direção do lateral-direito, demonstrando a atitude a ser imitada por todos os outros jogadores da Celeste.

Mas se Obdulio poderia ter poupado sua garganta com Forlan na equipe, os são-paulinos agradecem a Deus por seu lateral ter nascido em outra época. Afinal, foi a partir de sua chegada, em 1970, que o São Paulo reencontrou o caminho das vitórias. De sua boca saíam as palavras que conduziram o time aos títulos paulistas de 1970 e 1971, quebrando um jejum de treze anos. Mas as primeiras lições de vida de Forlan tiveram início com um dos comandados de Obdulio na final de 1950: Gambetta, também lateral-direito campeão do mundo, que lhe ensinou a necessidade de colocar o cora-

O Guerreiro da Fé

MANOEL MOTTA

Bola dividida era bola são-paulina

ção em cada disputa.

Lição aprendida, o lateral partiu para as conquistas. Primeiro no Peñarol, onde foi campeão da Libertadores e Mundial Interclubes em 1966. Depois no tricolor, onde contagiou os aristocráticos torcedores criando no Morumbi um espírito vencedor capaz de atingir o vice-campeonato da Libertadores, na qual os brasileiros tradicionalmente não vão bem.

"Tinha a experiência dos tempos do Peñarol e tentei passá-la aos jogadores do São Paulo", conta Forlan.

Não foi apenas nos torneios continentais, porém, que ele contaminou a equipe. Em cada jogo, quando o perigo se aproximava, lá estava seu pé para eliminá-lo, fosse atingindo a bola, fosse parando o adversário com falta. E sua garra parecia dobrar nas partidas decisivas. "A vontade aumentava de acordo com a dificuldade", afirma. Os são-paulinos lamentam apenas que sua passagem pelo clube tenha terminado tão cedo — em 1975 —, diminuindo momentaneamente a fibra de toda a equipe. Depois dele, e da escola de raça criada com suas jogadas firmes e decididas, os são-paulinos tiveram poucos motivos para repetir a frase de Obdulio Varela: *"Mas alma!"*

Cada jogada levava sua alma como assinatura

NÉLSON COELHO

Forlan: no banco, mas sempre exigindo dedicação

Lutar agora é dever

A raça em cada jogador de seu time não é apenas um pedido, mas uma exigência. Hoje Forlan é técnico de futebol e já chegou a dirigir o São Paulo numa etapa do Campeonato Brasileiro de 1990. Depois disso, no mesmo ano, assumiu a direção do Central Español disputando o certame uruguaio. No momento, mesmo sem emprego, ele é certeza de bom trabalho quando se quer transmitir fibra a qualquer time do planeta

JOSÉ PINTO

Darío matou a saudade do sangue uruguaio

Três gerações de vitoriosos

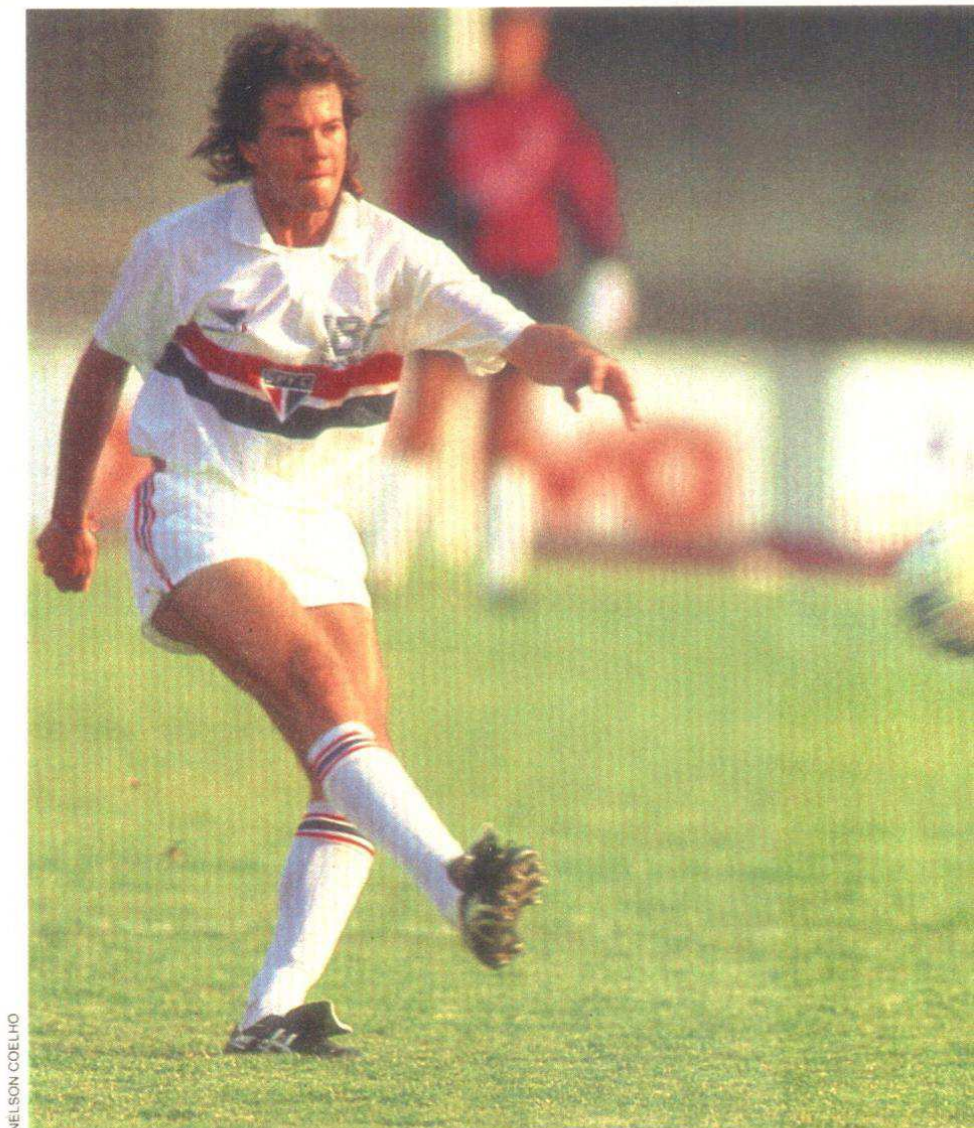
A presença de Forlan na defesa são-paulina foi tão marcante que a equipe não conseguiu viver muito tempo longe do sangue uruguaio. Contratado inicialmente para substituir outro jogador daquele país — Pedro Rocha —, Alfonso Darío Pereyra Bueno acabou se transferindo para a quarta-zaga, transformando-se no sucessor da tradição de garra antes encarnada pelo antigo lateral-direito. Com Darío, o São Paulo conquistou os títulos paulistas de 1980, 1981, 1985 e 1987, além dos brasileiros de 1977 e 1986.

Muito antes de sua chegada, porém, outros dois brasileiros já haviam mostrado que, apesar de acostumados ao requinte técnico, os são-paulinos não abrem mão de uma boa dose de determinação. Um dos primeiros a comprovar essa teoria foi o quarto-zagueiro Vítor, que formou a defesa tricolor nas décadas de 50 e 60 e se consagrou como um dos maiores marcadores que o Rei Pelé já teve. A receita para isso era simples. "Bastava evitar que a bola chegasse a seus pés", costumava ensinar o zagueiro. E sua raça costumava causar até mesmo admiração em Pelé, que intercedeu por sua escalação em uma excursão da Sele-

Em campo, um leão que ninguém ousava ameaçar. Hoje, tranqüilo, cuida de sua loja de esportes, em Piracicaba

ção Brasileira à Europa em 1960.

O maior mito de garra da história são-paulina, depois de Forlan, porém, jogou na década de 70: Francisco Jesuíno Avancis, o Chicão, comandante do time nos títulos paulista de 1975 e brasileiro de 1977. Para ele, qualquer um que ameaçasse as vitórias são-paulinas era passível de punição. Por isso, ele não teve escrúpulos de pisar na perna do meia atleticano Ângelo, mesmo caído, na final do Campeonato Brasileiro de 1977. A partir dali, Chicão intimidou todo o time do Atlético Mineiro, reconhecidamente melhor tecnicamente, e abriu caminho para a vitória na disputa por pênaltis. Hoje, passados catorze anos, com o ex-volante transformado em proprietário de uma loja de materiais esportivos na cidade paulista de Piracicaba, onde nasceu, a torcida são-paulina continua colocando seu nome na galeria dos maiores deuses que já vestiram a camisa tricolor. Afinal, naquela época, todos sabiam que não era prudente ameaçar uma equipe que contava com a força de Chicão.

Herdeiro da Raça

Antônio Carlos: a cada jogo, uma garantia de eficiência

Mantendo viva a chama

Suas jogadas não revelam o brilhantismo visto na defesa são-paulina até o final do último Campeonato Brasileiro, com Ricardo Rocha. A cada partida, no entanto, a presença de Antônio Carlos na zaga-central transmite uma garantia maior de eficiência. Para manter a regularidade, a lei é ter vontade de acertar em todos os lances.

Curiosamente, Antônio Carlos estreou na equipe do São Paulo — em um clássico contra a Portuguesa, que terminou com a vitória tricolor por 2 x 0, em 1990, — na mesma lateral-direita que consagrara Forlan no início da década de 70. Mas foi a partir do momento em que se transferiu para o miolo-de-zaga, pelas mãos de Telê Santana, que se revelou definitivamente a qualidade desse zagueiro de 22 anos, dono de um vigor físico invejável e de uma colocação quase perfeita dentro da área. Do aprendizado ao lado de Ricardo Rocha ao contato com o técnico Telê Santana, muitas são as explicações para a evolução de Antônio Carlos. Só uma, no entanto, serve como justificativa para o crescimento verificado em seu futebol desde que passou à zaga-central: o amor à camisa.

adidas
1903
GREMIO

A Gana Uruguaia

De León

J.B. SCALCO

JURANDIR SILVEIRA

Com o coração nas chuteiras, o zagueiro fez o Grêmio ganhar o mundo

A raça era sua receita para vitórias como a da Libertadores *(ao lado)* e a do Mundial *(acima)*

PEDRO MARTINELLI

Pelo menos uma vez na história o vermelho — amaldiçoado por ser a cor do Internacional — foi cultuado pelos gremistas. Na final da Taça Libertadores da América de 1983, após a vitória por 2 x 1 sobre o Penãrol em Porto Alegre, o sangue que escorria da cabeça do zagueiro uruguaio Hugo De León, tingindo sua camisa de vermelho, deixou orgulhosos todos os torcedores do Grêmio. Sua imagem, erguendo a taça com o supercílio aberto, tornou-se o símbolo de uma época em que o tricolor gaúcho teve o mundo a seus pés.

Mas a primeira prova de que o zagueiro uruguaio não iria para Porto Alegre apenas para melhorar sua conta bancária aconteceu quando ele ainda estava no Uruguai. Após vencer o Brasil por 2 x 1 e conquistar o Mundialito disputado em 1980, em comemoração ao cinqüentenário da primeira Copa do Mundo, De León desfilou pelo gramado do Estádio Centenário com uma camisa do Grêmio. O resultado foi o ódio de seus compatriotas e a idolatria dos brasileiros.

Os tricolores, no entanto, mal sabiam o que os esperava. Quando passou a defender o clube oficialmente, De León deu início, com sua liderança, a uma fase de conquistas internacionais nunca vista antes no Estádio Olímpico. Primeiro, vieram o título brasileiro de 1981 e o vice-campeonato de 1982. No ano seguinte era a vez de erguer as Taças Libertadores da América e o Mundial Interclubes. O segredo para essa seqüência de vitórias foi explicado pelo próprio jogador. "É preciso colocar o coração na chuteira", disse logo após o título sul-americano.

No caso da final da Libertadores, porém, havia uma outra justificativa. O adversário era o Peñarol, que De León se acostumara a encarar como seu maior adversário nos tempos em que defendia o Nacional de Montevidéu. "Aprendi desde cedo a odiar o Peñarol", conta. Curiosamente, seu

A Gana Uruguaia

time em Montevidéu tinha as mesmas raízes aristocráticas do Grêmio, enquanto seu rival era tão popular quanto o Internacional.

Talvez por essa similaridade, De León tenha conseguido se dar tão bem nos quatro anos em que defendeu o clube gaúcho — entre 1981 e 1985. Durante todo esse período, foi o capitão do time e tratado como o xerife da defesa tricolor. E mesmo que afirmasse não gostar desse tratamento, foi o símbolo da gana uruguaia. "Sempre quis ganhar. E não podemos nunca nos contentar apenas com conquistas passadas", diz. Por isso, com ele o Grêmio conseguiu tantas glórias. Hoje, o clube procura um sucessor que entenda o espírito vencedor criado na equipe pelo capitão uruguaio e coloque os tricolores, de novo, no seu caminho de glórias.

Sentia o mesmo pelo Inter e pelo Peñarol: ódio

ZERO HORA
Ortunho: o corpo para proteger a defesa

SERGIO SADE
A fibra uruguaia começou com Ancheta

Os escudos gremistas

A partida entre Brasil e Uruguai na Copa do Mundo de 1970 não trouxe apenas a vitória por 3 x 1 como benefício para os brasileiros. Depois dela, o Grêmio resolveu contratar um jogador que durante nove anos daria o tom guerreiro ao futebol tricolor. Entre 1971 e 1980, Ancheta foi o líder da equipe. Depois, quando encerrou a carreira, serviu como inspiração para a diretoria investir na contratação de De León.

Antes de Ancheta, no entanto, os gremistas já haviam tido um jogador capaz de intimidar atacantes e de ser amado pelos torcedores: Ortunho, que fazia de seu corpo um escudo protetor da defesa do time. A tradição, portanto, não mente. Enquanto existir uma camisa tricolor, haverá um jogador a honrá-la com luta.

Onde Anda

Os frutos do Oriente

Os títulos mundiais conquistados por De León em território japonês — em 1980 e 1988, pelo Nacional, e 1983, pelo Grêmio — ainda lhe dão bons resultados. Hoje ele mostra a velha vontade de vencer no Toshiba, da Primeira Divisão do Japão. E com a antiga garra quer dar ao menos um título nacional ao clube

KIICHI YAZAKI
Hoje, aproveitando a farra no Japão

Herdeiro da Raça

Esperança de recuperação

A inesquecível proeza de ter marcado os dois gols que deram ao Grêmio o título mundial de 1983 já seria um motivo para tornar o ponta-direita Renato um jogador especial na história do clube. O destino, no entanto, lhe reservou uma tarefa mais árdua: ser o condutor da recuperação do time, que quer sair da Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro para voltar a seus tempos de glória.

Para isso, Renato precisará de toda a garra demonstrada na partida contra o Hamburgo na final do Mundial Interclubes, além da técnica que o consagrou no Flamengo, no Botafogo e no próprio time gaúcho. Os torcedores esperam apenas que os companheiros o ajudem, porque o amor pela camisa tricolor, que aprendeu a ter jogando ao lado de De León, ele não perdeu.

VALDIR FRIOLIN
Renato volta pronto para uma árdua tarefa

AUREMAR CASTRO

As passadas do gigante impunham respeito

O Incansável Lutador

Cerezo

Tímido mas raçudo, ele foi a alma do Galo

Sua conta bancária já está repleta de dólares e os torcedores italianos o reverenciam como a um deus. A cada nova apresentação sua em Roma, mesmo depois de tê-la trocado por Gênova e pela Sampdoria há cinco anos, seu nome ainda é entoado com respeito e carinho. No coração de Toninho Cerezo, no entanto, continua viva a pro-

ABRIL

Minas foi cenário para o mito atleticano. Hoje sonha com sua volta

O Incansável Lutador

RONALDO KOTSCHO

Duas Copas pela Seleção: talento e suor reconhecidos

messa feita quando deixou o Brasil: "Um dia voltarei a vestir a camisa do Atlético".

Para os torcedores, a palavra empenhada pelo craque traz a garantia de que o sonho não acabou e que um dia poderão ver novamente as passadas largas, em firme compasso rumo ao gol adversário, de volta ao velho lar. Afinal, foi nele — no Mineirão — que Cerezo colocou seu nome na seleta lista dos mitos da história atleticana, graças ao amor dedicado à bandeira alvinegra.

Lutar sempre. Com esse lema, virou ídolo

"Cerezo era meio time do Atlético", opina o cronista e torcedor Roberto Drummond. Não era apenas nas arquibancadas, porém, que Cerezo transmitia segurança. Dentro de campo, seus companheiros também tinham a certeza de estar diante de um jogador pronto para as disputas mais ríspidas e motivar a equipe nos momentos de dificuldade. Nem o jeito tímido, que o mantinha calado durante a maior parte das partidas, era capaz de impedir que os demais jogadores o encarassem como um líder. "Ele se impunha sem nenhuma palavra mas unicamente pelo seu futebol e dedicação", atesta o ex-companheiro Reinaldo.

O resultado foi uma seqüência de conquistas jamais vista na história do clube. Além do título mineiro de 1976 — o primeiro de sua carreira e que quebrou uma longa hegemonia cruzeirense —, com Cerezo, o Atlético chegou ao inédito hexacampeonato mineiro entre 1978 e 1983. E, não por coincidência, depois de sua saída o futebol atleticano jamais foi o mesmo. E, se outras conquistas vieram, como os estaduais de 1985, 1986, 1988 e 1990, não se viu outro jogador tão identificado com a camisa que vestia. Por isso, os torcedores esperam que a qualidade mineira de manter a palavra tenha prevalecido apesar dos oito anos submetidos à cultura italiana. Se a resposta for positiva, dentro de pouco tempo os atleticanos poderão ver novamente em campo seu incansável lutador.

Onde Anda

ALL SPORT

A festa do *scudetto* da Sampdoria em 1991: o mineiro caladão acaba também rei de Gênova

Um garoto de 36 anos

Os 36 anos de idade, para os menos avisados, são um sinal vermelho para sua carreira. A cada início de partida, porém, percebe-se que Cerezo está longe do fim. Depois de dar o inédito *scudetto* à Sampdoria, ele se prepara para colocar a equipe no primeiro escalão do ranking europeu. Se os cinco anos em Gênova — antes jogou três na Roma — o tornaram ídolo da torcida, não conseguiram tirar suas raízes mineiras. Anualmente volta a Minas para pescar. Só falta retornar ao Mineirão

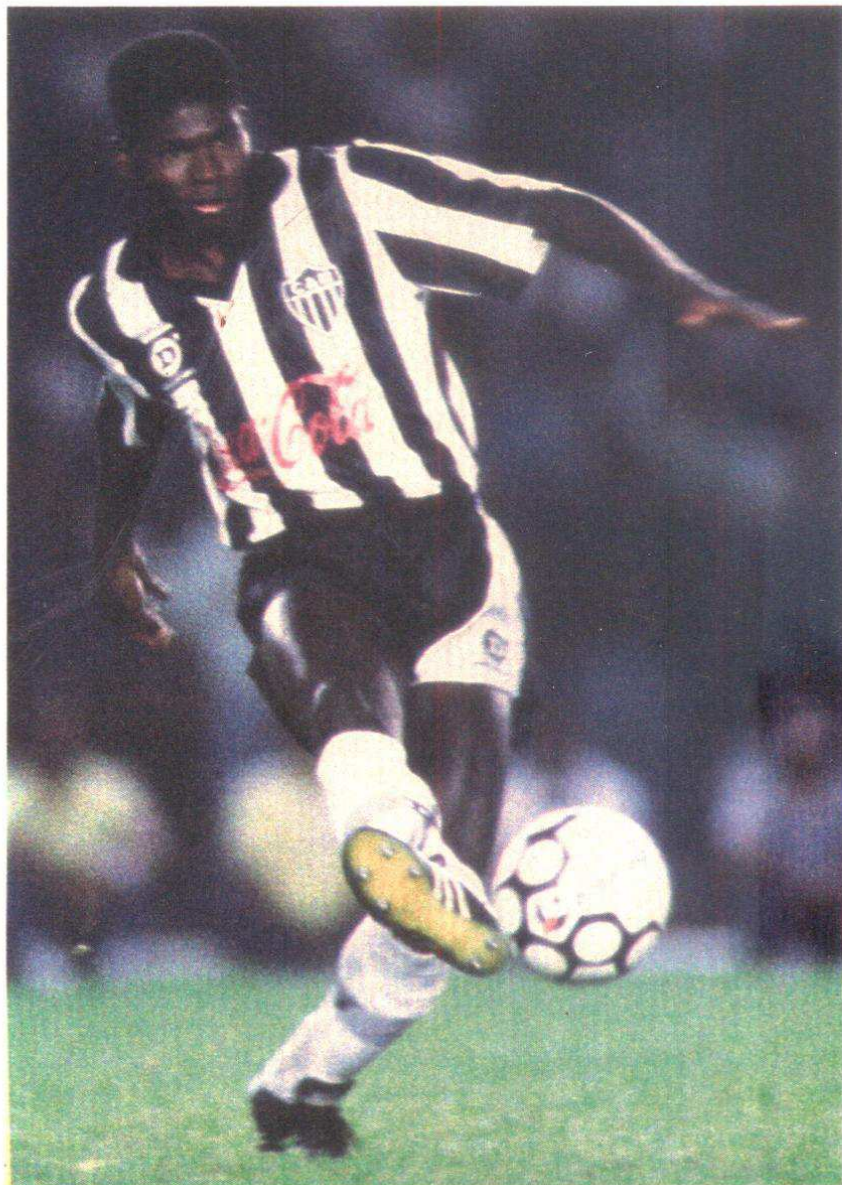
Herdeiro da Raça

AUREMAR CASTRO

Zé do Monte: só o bisturi o venceu

O comandante dos anos 50

Quando José do Monte Furtado Sobrinho resolveu parar de jogar futebol, com apenas 27 anos, os atleticanos se sentiram perplexos e meio órfãos. E com toda a razão: afinal, Zé do Monte era não só um amado símbolo da fibra do Galo como também o grande comandante do time no histórico pentacampeonato de 1951 a 1955. Centromédio perfeito, que unia um futebol clássico a uma determinação sem igual, ele exercia uma saudável influência sobre companheiros e mesmo diretores. Em 1953, por exemplo, exigiu a saída do técnico Iustrich, que agredira o lengendário ponta Lucas Miranda. Com isso, o Atlético ganhou novo ânimo para conquistar o penta.

Sua decisão de parar com o futebol deveu-se a dores que sentia no joelho direito. Os médicos recomendavam a cirurgia como solução definitiva do problema, mas Zé do Monte recusou-se. Os atleticanos nunca entenderam direito essa sua opção, pois o jogador era então a própria encarnação do Galo lutador. No entanto, o ídolo das mocinhas de Belo Horizonte, que circulava pelas ruas da cidade sobre uma poderosa moto BMW, nunca se arrependeu. Seu amor ao Atlético e ao futebol só foi mesmo derrotado pelo medo do bisturi.

RICARDO CORRÊA

Cléber: segurança para o Atlético por mais dez anos

O novo Galo vingador

As divididas vêm na hora certa, impedindo a aproximação dos atacantes da grande área. Pelo alto, ele é praticamente imbatível e já pode ser encarado como um dos melhores zagueiros do Brasil no momento. Mais até do que quando tinham Luizinho na quarta-zaga, os atleticanos sentem hoje uma grande segurança em sua defesa. Afinal, se o antigo beque possuía uma técnica extremamente refinada, Cléber é a pura expressão de um Galo forte e vingador.

Apesar de seus 22 anos apenas, ele já deu provas de que assumiu seu lugar na equipe para não mais perdê-lo. Como mostrou nas semifinais do Campeonato Brasileiro deste ano, contra o São Paulo, quando subiu mais do que toda a defesa contrária para empatar a partida. Se não levou o time à final — um empate em 0 x 0 na segunda partida causou a eliminação atleticana —, os alvinegros perceberam ali que tinham um jogador capaz de manter a tradição de fibra que marca a história do Galo. E de que, com Cléber na defesa, o time não terá problemas durante um período de pelo menos dez anos.

A Fúria Alvinegra

Roberto

A receita para pará-lo era bater. Mas nem isso o segurava

Ele não respeitava zagueiro algum. Fossem os campeões mundiais Brito e Fontana ou meros desconhecidos do interior do Rio de Janeiro. Sua presença na área era sempre decisiva, levando o pé ao encontro da bola mesmo sabendo que receberia um pontapé desleal. Em campo, não existia um homem capaz de intimidá-lo. E, ao menor descuido das defesas, lá estava a bola mansa no fundo das redes. Sua obstinação, no entanto, criou a certeza em cada adversário de que para conter o centroavante Roberto só existia uma receita: violência.

Para isso, desde que assumiu o lugar de Amarildo — vendido ao Milan —, em 1963, o centroavante sentiu os efeitos da deslealdade na pele. E nos ossos. Em treze anos de carreira, Roberto sofreu nove fraturas: no queixo, no braço esquerdo, nas duas clavículas, no tornozelo direito, em uma costela, nos dois joelhos e no tendão de Aquiles. Isso sem contar os cortes profundos na cabeça e supercílios abertos, que, se para outros jogadores seriam casos de relativa gravidade, para Roberto passaram quase despercebidos no meio de tantos problemas mais sérios, e que levaram o narrador carioca Jorge Cury a criar o apelido de *Cabra-Macho*, para demonstrar toda a sua valentia.

ZEKA ARAUJO

Comemorando gols, apesar da violência: desespero constante para os zagueiros

FERNANDO PIMENTEL

Ele ia em todas as bolas. E todos iam em suas pernas

ABRIL

A Fúria Alvinegra

Os zagueiros avisavam que iriam bater. Por isso, ele não tinha o menor escrúpulo de, quando preciso, devolver a violência. Só não abria mão de estar na grande área para alegrar os botafoguenses com muitos gols. "Sempre gostei do meu estilo", diz. "E acho até que os zagueiros tinham motivos para usar a violência. Senão tomariam o gol." Só não perdoava o falecido Fontana, capaz de trocar socos para não vê-lo chegar às redes. Tudo o que viveu continua até hoje na cabeça do jogador, como se fosse um sonho feliz que passou. E nem a última contusão no joelho, que o afastou do futebol, em 1976, o faz perder uma certeza: "Se pudesse, começaria tudo de novo".

Venceu nove fraturas: um puro cabra-macho

ABRIL

Em 1948, comandando a quebra do primeiro jejum alvinegro

A primeira alma da 7

Qual a melhor forma de um jogador se consagrar, além de comandar a equipe em uma final de campeonato e ajudar a quebrar um jejum de treze anos sem títulos? O ponta-direita Paraguaio, um dos primeiros jogadores na história a inscrever seu nome na galeria dos deuses cultuados pela torcida botafoguense, descobriu a resposta na decisão do Campeonato Carioca de 1948, quando marcou o primeiro gol e fez toda a jogada do segundo na vitória por 3 x 1 que liquidou o Vasco, criando com sua garra uma sintonia tão grande entre ele e a torcida que acabou assumindo o comando técnico do time no início da década de 70. Em 1971, levou o Botafogo à terceira colocação no Campeonato Brasileiro e ao vice-campeonato estadual, perdendo o título na final contra o Fluminense com um gol contestável do ponta-esquerda Lula. É dentro de campo, porém, que continua sendo lembrado como um apaixonado pelo Botafogo e responsável direto por um dos maiores momentos da história alvinegra. Por isso, quem o viu em ação tem certeza de que, mesmo antes de Garrincha, a camisa 7 do clube já havia sido honrada.

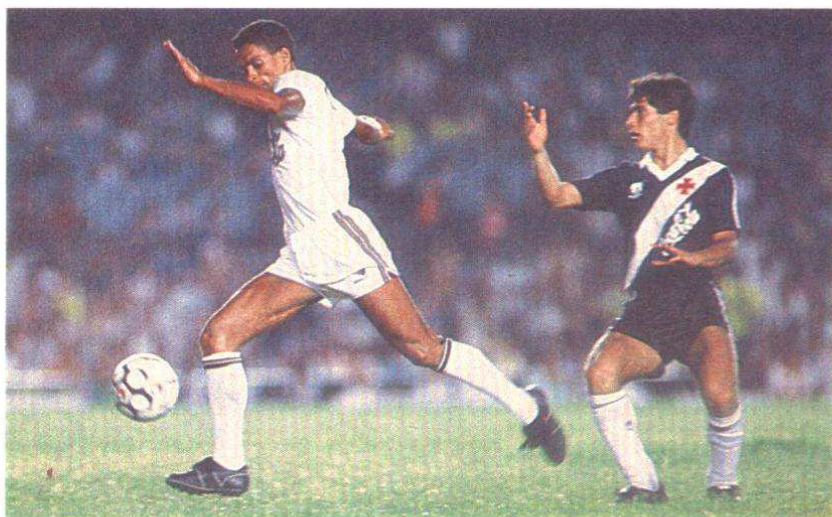
Onde Anda

NILTON CLAUDINO

Em Niterói, livre de pontapés

Violência só nas lembranças

Depois de parar de jogar, em 1976, no Corinthians, Roberto passou a viver em Niterói com a mulher e as filhas Roberta e Michelle. Longe da violência dos zagueiros cariocas, hoje o antigo centroavante trabalha como relações-públicas do banqueiro de jogo do bicho Capitão Guimarães. Do campo, guarda só as recordações

Herdeiro da Raça

MARCO A. CAVALCANTI

Contagiando os companheiros, o volante devolveu as glórias do clube

Líder da volta por cima

A valentia para entrar em todos os lances, à imagem de Roberto, não é seu forte. A liderança com que conduziu o Botafogo ao bicampeonato carioca de 1989 e 1990, quebrando um jejum de 21 anos sem títulos, porém, faz do volante Carlos Alberto Santos um exemplo do comportamento exigido pela torcida e que acabou por contagiar o elenco do clube, levando-o a ocupar de novo seu lugar de destaque no cenário nacional. Além de sua raça, no entanto, Carlos Alberto leva uma vantagem em relação a outros jogadores: sua técnica apurada.

Correndo o tempo todo em campo, Zito comandava o time com voz forte e classe

O Rei do Grito

Zito

Seus berros intimidavam até o Rei Pelé

Bastava um companheiro mostrar uma pequena acomodação e lá estava sua voz dura e inflexível para colocar as coisas em seu devido lugar. E não havia direito a resposta. Mas, apesar desse temperamento forte, Zito só conseguiu amizades no elenco. Afinal, o Santos dependia de seus gritos tanto quanto de seus craques.

O Rei do Grito

E não demorou para que a voz mais conhecida do futebol paulista recebesse um apelido que revelava sua liderança: o *Gerente*. Por ele passavam todas as jogadas santistas e nem mesmo Pelé, o maior dos craques, escapava de ouvir suas cobranças. Pelo contrário, era o primeiro a reconhecer eventuais acomodações e a seguir seus conselhos. Foi o que aconteceu em uma partida contra o Juventus no final da década de 50, quando o Rei foi vítima de uma sonora bronca para que jogasse sério, sem se preocupar com a gravação de um filme sobre ele, que se fazia naquela partida.

Mas antes de exigir dos companheiros, Zito cobrava determinação de si próprio. ''Não admitia perder nem em treino'', confessa. Por isso, na decisão do Mundial Interclubes de 1962, ele não aceitou ficar de fora, apesar de fortemente gripado, e dentro de campo comandou a vitória por 5 x 2 contra o Benfica. Toda essa vontade foi reconhecida pelo antigo diretor Nicolau Moran, que o convidou a assumir a supervisão de futebol do clube, assim que encerrou a carreira, em 1967. Mais até do que Moran, a torcida lhe dedica um imenso carinho, pois sabe que tão importante quanto o Rei do futebol para o maior time do planeta foi a presença de Zito, o autêntico ''rei do grito''.

ALBERTO FERREIRA

Na Seleção, gritos também em dois Mundiais

Seu negócio era vencer. Em jogo ou treino

Rodolfo: um invejável amor às cores santistas

Unanimidade do brio

De todos os clubes brasileiros, o Santos é o que deixa mais claro que os torcedores não elegem seus ídolos segundo a posição em que atuam. Basta esforço em cada jogada. O maior exemplo disso é um go-

AG. ESTADO

Toninho: gols e garra no tri santista

Onde Anda

MANOEL MOTTA

Se perdeu o cargo de gerente do time, Zito hoje é patrão em sua fábrica

O gerente virou chefe

O antigo apelido de *Gerente* está definitivamente superado. Aos 59 anos de idade, Zito hoje está promovido a patrão. Ele tem uma fábrica de artefatos de borracha em Rio Grande da Serra, na Grande São Paulo. Dela saem peças para empresas de construção civil e automobilística. Até hoje, no entanto, ele não perdeu o vínculo com a cidade de Santos, onde chegou em 1952 de Taubaté. Ele vive com a família no litoral paulista e é costumeiramente visto no clube que o consagrou para o futebol mundial. E somente lá ainda pode ser chamado de *Gerente*

leiro que chegou ao Brasil em 1984 com o estigma de ter tirado o título da Copa América da Seleção Brasileira um ano antes, mas com o brio comum somente aos grandes homens: Rodolfo Rodriguez. Logo em seu primeiro ano de Vila Belmiro, os santistas perceberam que não tinham um goleiro comum.

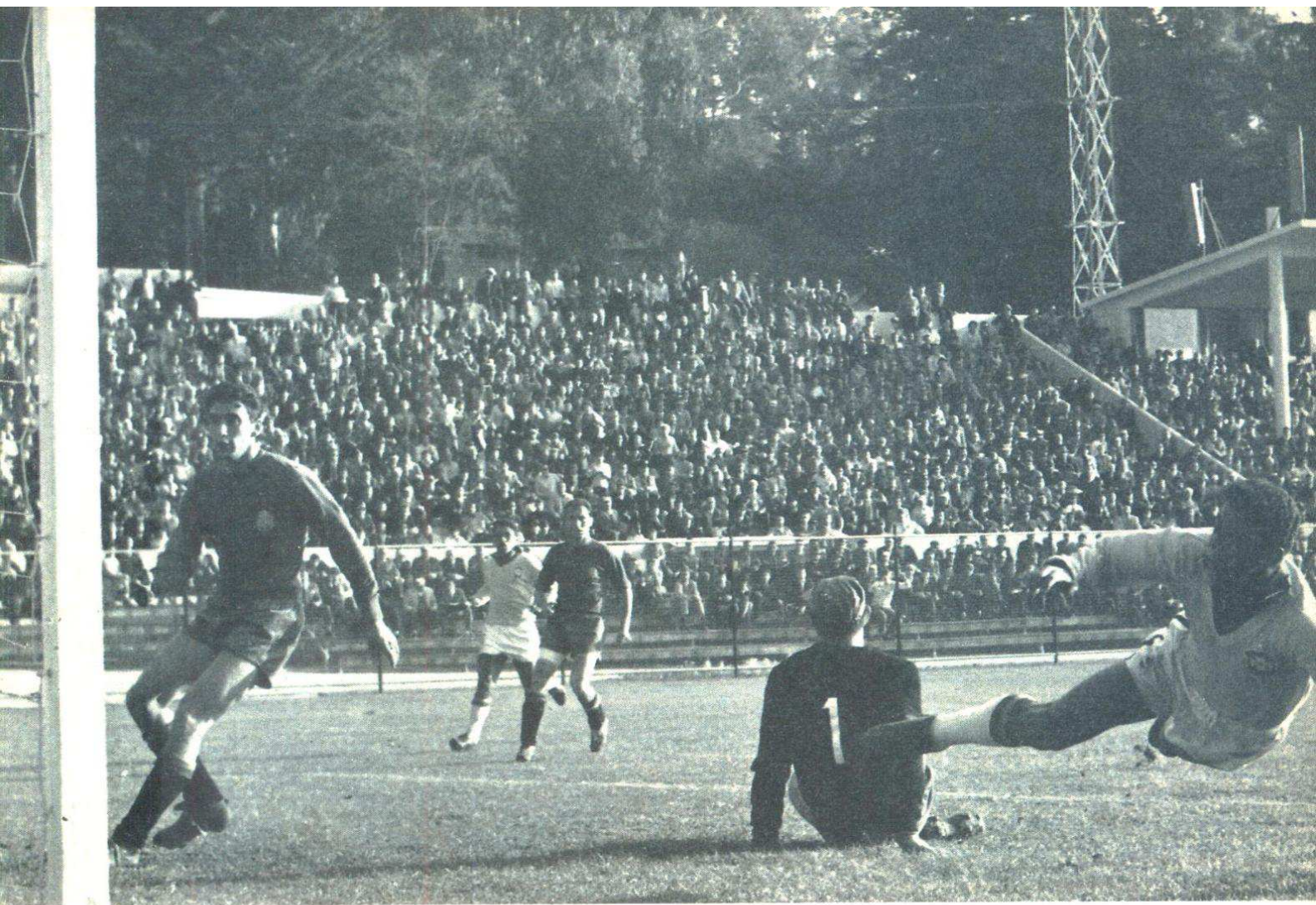
A certeza definitiva dessa verdade, que o tempo tornou incontestável para os adversários, aconteceu na vitória do Santos contra o América, pelo Campeonato Paulista de 1984, quando Rodolfo Rodriguez evitou o gol da equipe de São José do Rio Preto em quatro oportunidades seguidas, todas em chutes à queima-roupa. Dois anos depois, já ídolo consagrado, Rodolfo mostrou que o carinho que recebia era bem aplicado. Como se fosse um torcedor que não conseguia conter seu desespero, partiu para o ataque na partida contra o Guarani para tentar marcar de cabeça após um escanteio. Mesmo assim, não conseguiu evitar a derrota santista por 1 x 0.

Naquele instante, por sua posição em campo, foi possível lembrar de outro jogador lendário: Toninho Guerreiro, o artilheiro que atuou ao lado de Pelé na segunda metade dos anos 60 e conseguiu o tricampeonato paulista de 1967/68/69. Com eles dois, marcando ou evitando gols, os santistas sabiam que, mesmo nos piores momentos de cada partida, haveria em campo a mesma paixão que inundava as arquibancadas.

Paulinho: dando tudo pela vitória e aterrorizando os zagueiros

A gana de um matador

Ele não tem o mesmo carisma de Toninho Guerreiro. Para o futebol dos anos 90, no entanto, é um artilheiro extremamente produtivo. A receita é simples: o posicionamento correto dentro da área e muita disposição para levar seu time à vitória. Se todo o Brasil já aprendeu a respeitar seu faro de gol, a imprensa de Santos foi a única a premiá-lo com um apelido que expressa sua raça: Paulinho Matador.

E os santistas têm bons motivos para admirá-lo. Graças a seus quinze gols no Campeonato Brasileiro deste ano — foi o principal artilheiro do certame —, o Santos começou a recuperar seu velho poder e a ser novamente temido pelos adversários. Hoje, se não existem onze craques vestindo a tradicional camisa branca, os zagueiros adversários têm consciência de que um mínimo cochilo é suficiente para provocar um gol de Paulinho. E a torcida sabe que só com sua sede de vitórias poderá ter outra vez o prazer de comemorar títulos. Tudo devido à vibração e à valentia de um jogador marcado para destruir defesas e ser o homem certo para as horas em que se precisa de um matador.

Reis de Copas

Conquistadores da Eternidade

É nos Mundiais que certos jogadores marcam encontro com a verdade. E, num único lance, tornam-se deuses

Nada como um Campeonato Mundial para fazer explodir no peito de determinados jogadores aquela centelha mágica que transforma homens comuns em semideuses. Incendiados por essa fagulha divina, eles se tornam momentaneamente fortes o bastante para modificar o rumo de uma partida ou então dar-lhe tintas tão dramáticas que ela acaba se incorporando à própria história do futebol, fazendo com que o autor da façanha ganhe ares de mito.

Hoje, por exemplo, a figura do capitão da Seleção Uruguaia de 1950, Obdulio Varela, agiganta-se cada vez mais. Toda vez que aquela Copa é lembrada, *El Negro* surge das brumas do tempo para ser eternamente visto incentivando seus companheiros aos berros, dando um suposto tapa no rosto do lateral brasileiro Bigode e sacu-

AGÊNCIA O GLOBO

AMARILDO
Sua atuação contra a Espanha em 1962 foi tão vibrante e decisiva que virou *O Possesso*

AGÊNCIA O GLOBO

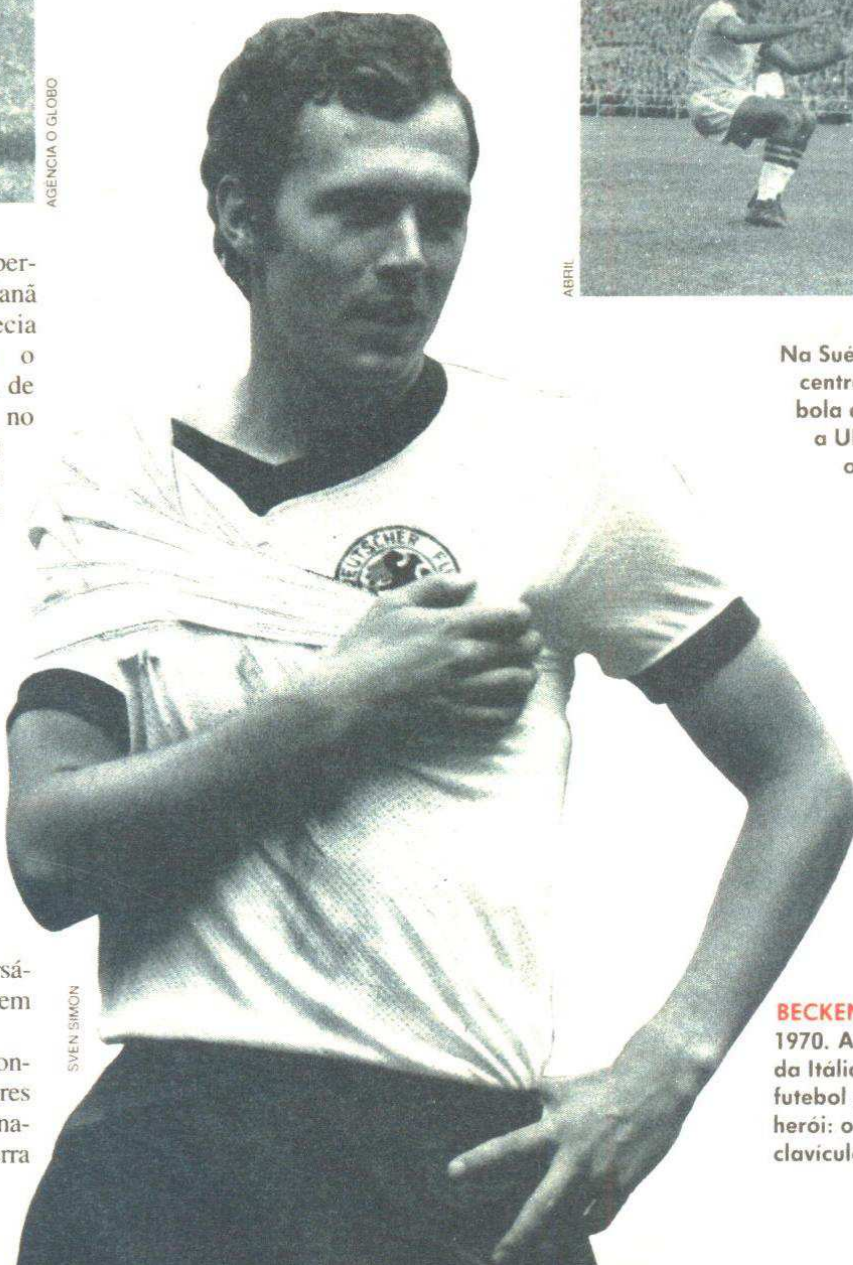
OBDULIO VARELA
Lembrar de 1950 é ver o capitão uruguaio tornar-se um gigante cada vez maior

dindo a camisa da Celeste para a perplexa torcida que lotava o Maracanã na final, virando um jogo que parecia definitivamente perdido quando o Brasil fez 1 x 0. Depois da vitória de 2 x 1 e com a Taça Jules Rimet já no hotel, Obdulio Varela passou a noite comemorando sozinho numa mesa de bar, exaurido, vazio, entediado, como alguém que foi deus por uma tarde.

Mas o Brasil, que amargara durante oito anos a monumental decepção de perder aquela Copa para um único homem (como todos pareciam então acreditar), viu em 1958 um jogador seu ter também um momento de fúria divina. Foi Vavá, na partida contra a União Soviética. Até então, a Seleção Brasileira havia feito duas partidas sem convencer, ganhando da Áustria por 3 x 0 e empatando com a Inglaterra em 0 x 0. O terceiro adversário, a URSS, fazia os brasileiros roerem unha de apreensão.

Dizia-se que o futebol soviético contava com a ajuda de supercomputadores capazes de criar táticas jamais imaginadas. Vavá, no entanto, botou por terra

ABRIL

VAVÁ
Na Suécia, em 1958, o centroavante chutou bola e pernas contra a URSS e se tornou o *Leão da Copa*

SVEN SIMON

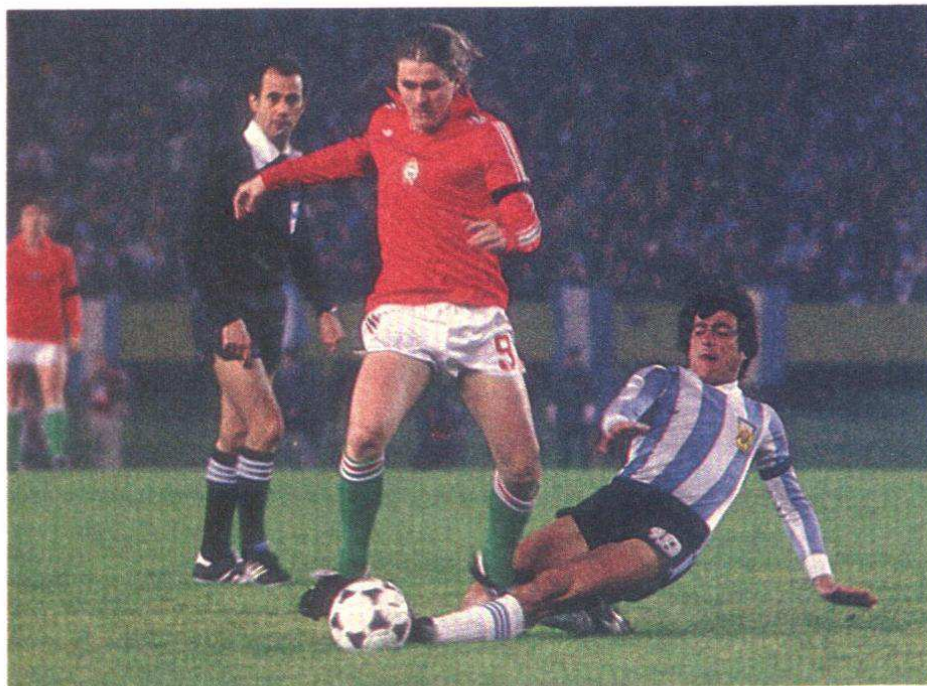
BECKENBAUER
1970. A Alemanha perde da Itália, mas o futebol ganha um novo herói: o *Kaiser* de clavícula quebrada

todo esse cientificismo ao chutar a bola e as solas das chuteiras dos adversários, rasgando o calcanhar mas levando o Brasil à vitória por 2 x 0. A partir daí, a conquista do título tornou-se inevitável, e ele se tornou o *Leão da Copa*.

Quatro anos depois, no Chile, foi a vez de Amarildo incorporar esse espírito de guerreiro celestial. Substituindo Pelé, ele, como um endemoninhado, fez os dois gols na virada contra a Espanha, na última partida das oitavas-de-final. Sua garra e determinação, principalmente nesta partida, fizeram com que passasse para a história como *O Possesso*.

Nem sempre, porém, jogadores que parecem tocados pela graça dos céus vencem o destino. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o meio-campista argentino Rattin, no Mundial de 1966. Ele fazia uma partida irretocável contra a Inglaterra, dona da casa. Parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Defendia com garra, organizava o time com tranqüila lucidez e tocava a bola com perfeição. Os ingleses, atordoados, não conseguiam transpor aquela muralha móvel e onipresente feita de um homem só.

Então, num lance comum de falta, Rattin envolveu-se numa discussão com o juiz alemão. Nenhum dos dois entendia o que o outro dizia, mas mesmo assim o jogador argentino acabou expulso por supostamente estar xingando o árbitro. Com sua saída de campo, a Inglaterra chegou à vitória e, duas partidas depois, a seu único título mundial. O sacrifício de Rattin, entretanto, não foi em vão: a FIFA criou logo depois o cartão amarelo, para acabar com mal-entendidos entre árbitros e atletas de línguas diferentes.

Do Mundial do México, em 1970, uma das imagens mais dramáticas que ficaram na memória coletiva foi a de Beckenbauer estoicamente dividindo bolas, saltando para cabecear, chutando e correndo sem se incomodar com a dor de uma clavícula quebrada na dramática partida contra a Itália, nas semifinais. A Itália acabou vencendo por 4 x 3, qualificando-se para disputar o título contra o Brasil, mas é a figura do *Kaiser* com o braço na tipóia que surge gigantesca, dominando a tudo e a to-

ABRIL

PASSARELA
Gritando com os companheiros, rasgando todas, o capitão argentino leva o time ao título de 1978

SERGIO SADE

MARADONA
Unindo uma técnica genial a uma garra invejável, ele fez da Argentina bicampeã mundial no México

ALL SPORT

SCHILLACI
Seu olhar esbugalhado e cheio de santa fúria marcou o Mundial de 1990, apesar de a Itália ter perdido

GENTILE
Jamais se incomodou em sacrificar-se para que sua equipe saísse vencedora. Foi a alma da Itália no tri de 1982

PEDRO MARTINELLI

dos sempre que este jogo é lembrado. Nesse caso, porém, o destino fez justiça ao capitão alemão: quatro anos depois, ele se sagraria campeão mundial.

Naquela mesma Copa de 70, um lance aparentemente sem importância, na partida Brasil x Inglaterra, acabou mais tarde sendo encarado como um gesto até fundamental para a conquista do tri pela Seleção Brasileira. O ponta inglês Lee tentava catimbar o jogo, atingindo alguns jogadores brasileiros. Numa dividida na intermediária, Carlos Alberto Torres, de peito estufado, abandonou seu setor e foi até a parte central do campo mostrar ao jogador inglês que o Brasil era também um time valente e determinado. Com isso, Lee perdeu o ímpeto e a Seleção Brasileira venceu o jogo. A partir desse momento, Carlos Alberto Torres ganhou uma nova dimensão, passando a ser o *Grande Capitão*, ou apenas *O Capitão*.

No Mundial de 1978, na Argentina, um dos jogadores que mais bem incorporaram o espírito de um "deus da raça" foi Passarela, o capitão da equipe dona da casa. Em um time valente e decidido, ele se transformou no grande comandante da Argentina campeão do mundo, ganhando todas as divididas, incentivando seus companheiros e indo ao ataque quando as coisas pareciam ficar complicadas.

Sem exercer a mesma liderança que Passarela possuía sobre sua equipe, o italiano Gentile ainda assim foi o grande guerreiro da Azzurra tricampeã mundial na Copa de 1982. Sacrificando-se individualmente pelo sucesso coletivo, ele esteve em todos os lugares do campo, colado como um carrapato ao jogador adversário que tinha a incumbência de marcar. Foi assim, por exemplo, com Zico, na partida que entrou para a história do futebol brasileiro conhecida como "tragédia de Sarriá". Se Paolo Rossi saiu daquela partida como um herói, sem dúvida foram a abnegação e a perseverança de Gentile que deram a força necessária à equipe para chegar à vitória e ao título dias depois.

Ao contrário do lateral italiano, que era apenas um bom jogador, o argentino Diego Maradona foi um gênio. Apesar, porém, de todo o seu inquestionável talento, ele fez da fibra, garra e vibração as armas extras para comandar a Seleção Argentina rumo à conquista de seu segundo título mundial, em 1986. Quatro anos mais tarde, essas mesmas qualidades guerreiras de Maradona eram vistas nos campos da Itália em doses ainda mais generosas. Não há o que discutir: foi Dieguito quem levou a Argentina até a final contra a Alemanha, com sua garra e uma ilimitada vontade de vencer.

Pouquíssimos jogadores mereciam tanto ser campeões do mundo em 1990 como Maradona ou o italiano "Totó" Schillaci, com seus olhos arregalados e o coração em cada chute. Mas se houve algum tipo de injustiça nisso, e em tantos outros casos ao longo desses sessenta anos de Copas do Mundo, o torcedor sempre se encarregará de reparar o erro, lembrando para sempre aqueles jogadores que, como deuses, venceram os limites humanos da dor, do cansaço ou da inferioridade técnica, para dar a seu time e a seu país a suprema alegria de um título.

Almir

Amado e odiado, ele deixou a marca da valentia por onde passou

Como rotular Almir: apenas um catimbeiro violento ou um jogador de uma generosidade comovente, sempre disposto a sacrificar até a integridade física para marcar um gol? Desde que, com a camisa do Vasco em seus primeiros anos de carreira, quebrou a perna de Hélio, do América-RJ, em 1959, despertou polêmicas apaixonadas: ou era vilão ou herói. Com exceção do Corinthians, por onde passou no início da década de 60, ele deixou algum tipo de marca em todos os clubes em que jogou: Vasco, Santos, Flamengo e América-RJ.

ABRIL

Vasco, o início da maldição

O GLOBO

No pau ou na bola, um herói rubro-negro

BRAS BEZERRA

Santos, o bi mundial

ABRIL

Corinthians, uma rápida passagem

ABRIL

Nos punhos cerrados, um símbolo de sua garra

No Vasco, foi o caso Hélio, que o marcou como vilão. No Santos, ele foi tanto bandido como herói, ao ajudar de forma decisiva o clube a conquistar o título de bicampeão mundial interclubes, contra o Milan, em 1963. Na primeira partida, em casa, os italianos golearam os santistas por 4 x 2. Na segunda, no Maracanã, depois de estar perdendo por 2 x 0, o Santos virou para 4 x 2, com Almir enervando os adversários e incendiando a torcida e seus companheiros com muita catimba. Na finalíssima, ele não vacilou em meter a cabeça numa bola que era toda das chuteiras do zagueiro Maldini. Resultado: pênalti, que Dalmo converteu, dando o bi mundial ao clube.

Também a torcida do Flamengo conheceu bem essas suas duas facetas. Num jogo contra o Bangu, no primeiro turno do Campeonato Carioca de 1966, ele não hesitou em arrastar o rosto na grama por vários metros para fazer um dos gols mais espetaculares que o Maracanã já viu, o segundo da vitória rubro-negra por 2 x 1. Naquele momento, ele foi mais do que nunca um inquestionável "deus da raça" — aquele tipo especial de jogador sempre pronto a dar tudo por uma vitória.

Meses depois, porém, na decisão contra o mesmo Bangu, Almir não teve dúvidas em brigar com todo o time adversário apenas para "melar" a legítima festa banguense pelo título. Pois Almir era assim: valente, raçudo, generoso, mas também disposto a armar confusão. No Campeonato Sul-Americano de 1959, foi o estopim de uma batalha campal contra os uruguaios; no América, já em fim de carreira, calvo e barrigudo, brigou contra o time inteiro do Olaria. Por tudo isso, ele foi amado e odiado com a mesma intensidade.

AGÊNCIA J B

ALBERTO FERREIRA

Encarando todo mundo

Com a camisa 10 de Pelé, Almir levou o Santos ao título de bi mundial contra o Milan, no peito e na raça *(acima)*. Era um jogador que encarava desde o juiz *(ao lado)* até um time todo de adversários, como aconteceu na decisão carioca de 1966 contra o Bangu *(abaixo)*

AGÊNCIA J B

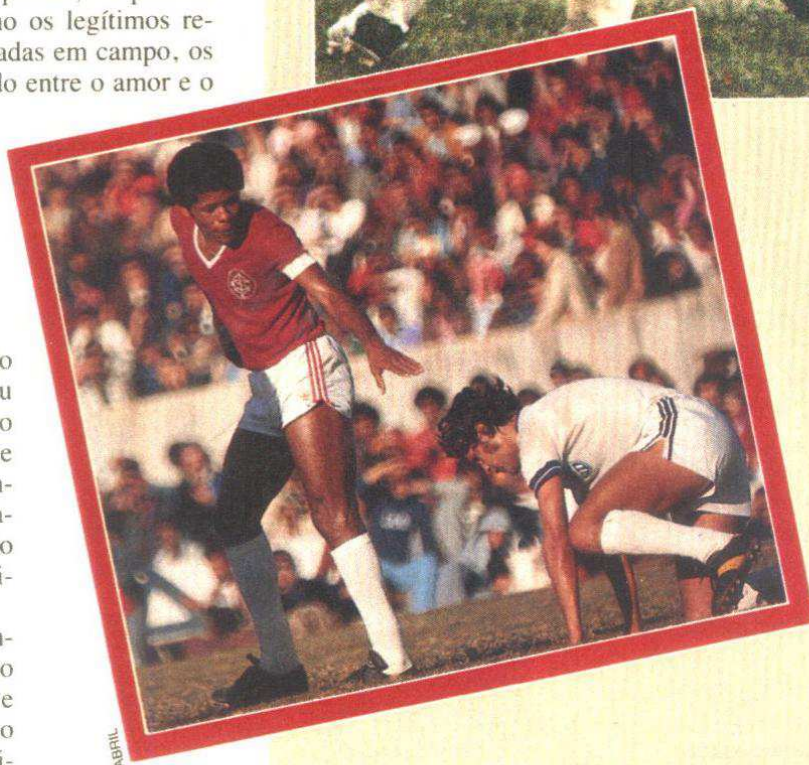
Catimbeiros

A BOLA ENTRE O BEM E O MAL

Usando recursos lícitos e ilícitos, eles despertam amor e ódio na galera

Assim como os deuses da raça, eles também fazem de tudo para levar seus times à vitória. Enquanto, porém, os primeiros são reverenciados como os legítimos representantes das arquibancadas em campo, os catimbeiros vivem oscilando entre o amor e o ódio da galera. As torcidas os adoram apenas enquanto estão vestindo a camisa de seus clubes. Basta que mudem de endereço para que o carinho de ontem se transforme em repúdio. "Os torcedores do São Paulo sempre estiveram do meu lado, mas quando fui para o Santos eles passaram a me hostilizar", lembra o centroavante Serginho Chulapa, hoje jogando no São Caetano, da Segunda Divisão paulista.

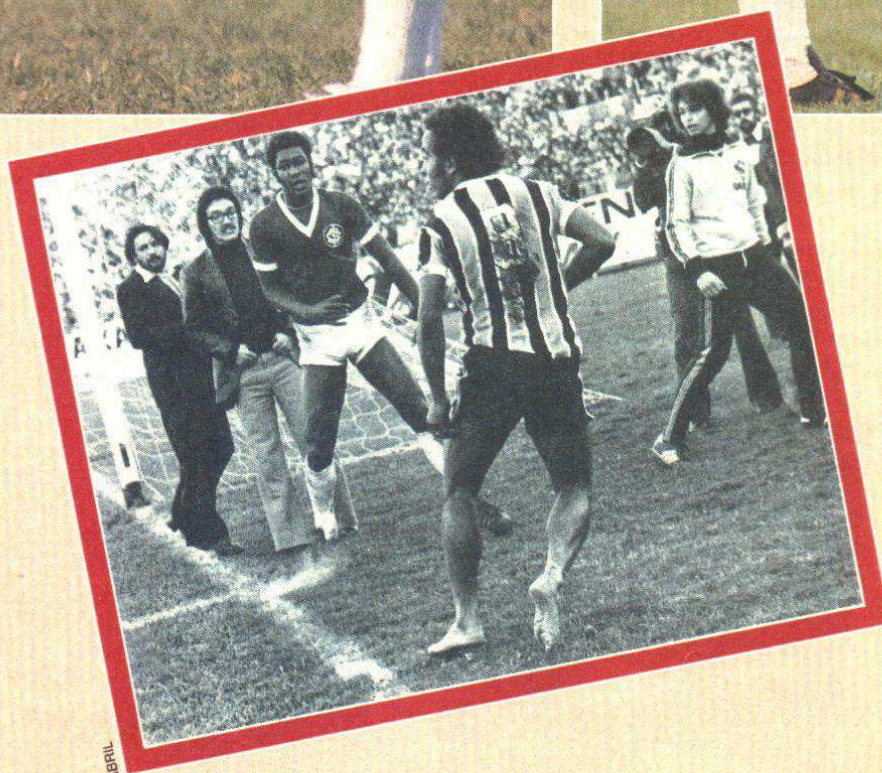
Acontece que os catimbeiros são assim como aquele amigo irreverente e meio louco: se não há como deixar de gostar de sua vi-

AUREMAR CASTRO

ABRIL

O BICO NA IRREVERÊNCIA DE DARIO

A fama de perturbar os zagueiros com brincadeiras já se espalhara pela cabeça dos adversários. E chegou a criar problemas a Dario. Em um jogo contra o Vasco, caiu ajoelhado em frente ao beque Moisés. Pensando tratar-se de mais uma brincadeira, o zagueiro não perdoou. "Tomei uma porrada que me fez voar dois metros", lembra Dario

JOSÉ EUGÊNIO

J.B. SCALCO

ABRIL

ANDRÉ: UM HOMEM CHAMADO CATIMBA

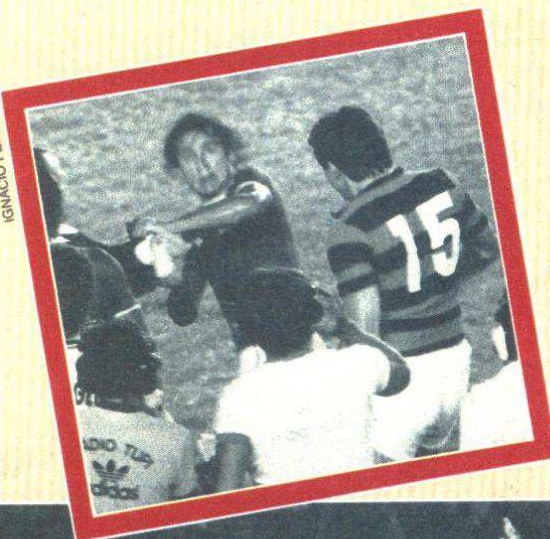
Irritar os zagueiros era a sua especialidade. Principalmente quando jogava pelo Grêmio e o adversário era o Internacional. Em 1977, por exemplo, armou uma das maiores brigas da história do clássico. Segurando a bola, conseguiu perturbar os colorados, que partiram para a agressão quando o Grêmio vencia por 1 x 0, com um gol seu. A vitória deu o título ao tricolor gaúcho e um apelido ao jogador: André Catimba

Vale tudo para enervar o adversário. Desde cuspir a jogar terra no olho

vacidade de espírito, de seu senso de humor ou mesmo de sua malandragem, não há também como contar com ele nos momentos de maior responsabilidade. Isso porque, enquanto os chamados deuses da raça utilizam a nobreza, e espírito heróico e uma dedicação total para alcançar seus objetivos em campo, o catimbeiro usa artimanhas para conseguir vantagens. "Meu negócio era deixar o adversário nervoso, fazendo com que se descuidasse da marcação", confessa Palhinha, agora técnico do Marília. E não há torcedor que goste de ver esse tipo de arma sendo empregada contra o seu clube, embora vibre quando ela é a favor. Assim, a palavra-chave que diferencia um deus da raça de um catimbeiro é confiança.

Peguemos um jogador como Rondinelli, um dos mais bem-acabados modelos do que seja um deus da raça. Idolatrado pelos flamenguistas, por servir como símbolo de supremo amor à camisa rubro-negra, ele era também respeitado — justamente por isso — pelos torcedores dos outros times. Peguemos agora, para comparação, um exemplar típico da espécie dos catimbeiros, como Beijoca. Vestindo a camisa do Bahia, era odiado até a morte pelos torcedores do Vitória. Quando trocou as camisas, sentiu a situação se inverter totalmente. "Cansei de ver gente do Bahia atirando garrafas e laranjas sobre mim, e era a mesma gente que me aplaudia antes", diz.

Beijoca, na verdade, pertencia à subespécie mais violenta dos catimbeiros. Cuspia no rosto dos adversários e distribuía socos e pontapés sem qualquer economia. Bem diferente de Dé, ex-atacante de Bangu, Vasco, Botafogo etc., que primava pela sutileza. Com a camisa banguense, numa partida contra o Vasco, encheu a mão de terra na cobrança de um escanteio e atirou nos olhos do goleiro Andrada, marcando o gol. "Eu aprontava com inteligência, por isso fui poucas vezes expulso de campo", diz. Grandes craques utilizaram-se também de truques sutis para criar situações favoráveis a seu time. O centroavante Careca, hoje

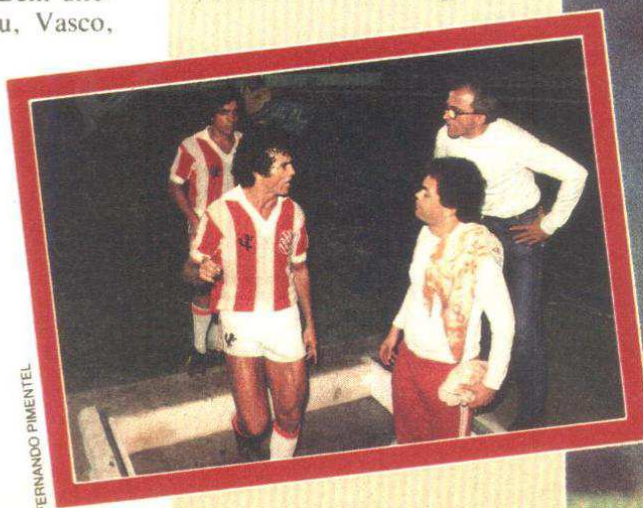
IGNÁCIO FERREIRA

BEIJOCA: O REI DA CONFUSÃO

Beijoca era mestre em criar confusões para beneficiar seu time. Em 1979, entrou quase no final da derrota por 4 x 1 do Flamengo para o Palmeiras só para atingir Mococa. Daquela vez não deu certo: foi expulso

ANTÔNIO ANDRADE

ABRIL

A ODIADA ASTÚCIA DE DÉ

A arte de ludibriar adversários fez Dé amado por todas as torcidas. Menos a do Flamengo. Em 1969, pelo Bangu, Dé desarmou o beque Reyes atirando na bola uma pedra de gelo que usava para tratar uma contusão dentro de campo. Em seguida, marcou o gol banguense. A vingança veio três anos depois. Com o Fla campeão, uma legião invadiu sua casa e o fez beijar a bandeira rubro-negra

FERNANDO PIMENTEL

UMA BRIGA CHEIA DE CLASSE DE SERGINHO

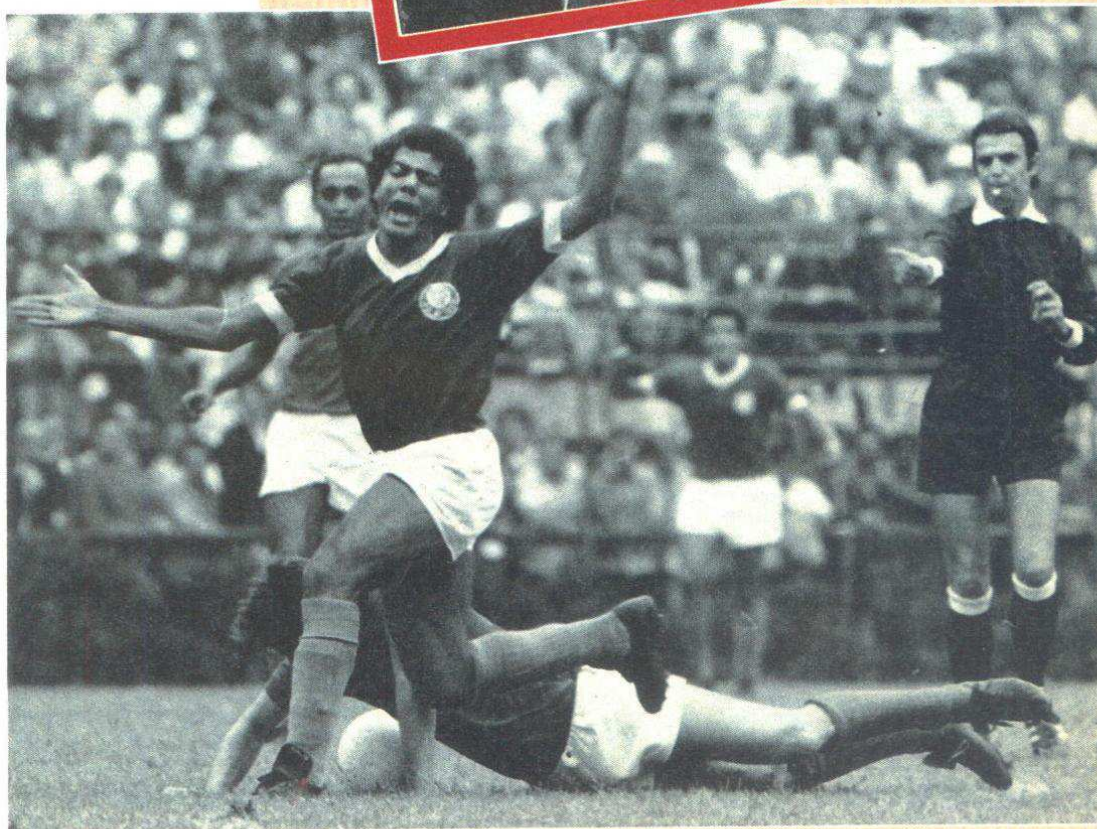
A irreverência, que enervava os beques e incendiava a torcida, era o forte de Serginho. Em 1983, no clássico Santos x Corinthians, até entrou em campo de fraque e cartola. Alegrou o espetáculo, mas irritou o zagueiro Mauro, com quem brigou no final do jogo, a ponto de rolarem agarrados pelo gramado do Morumbi

Numa catimba famosa, Pelé se agarrou ao beque e o juiz deu pênalti

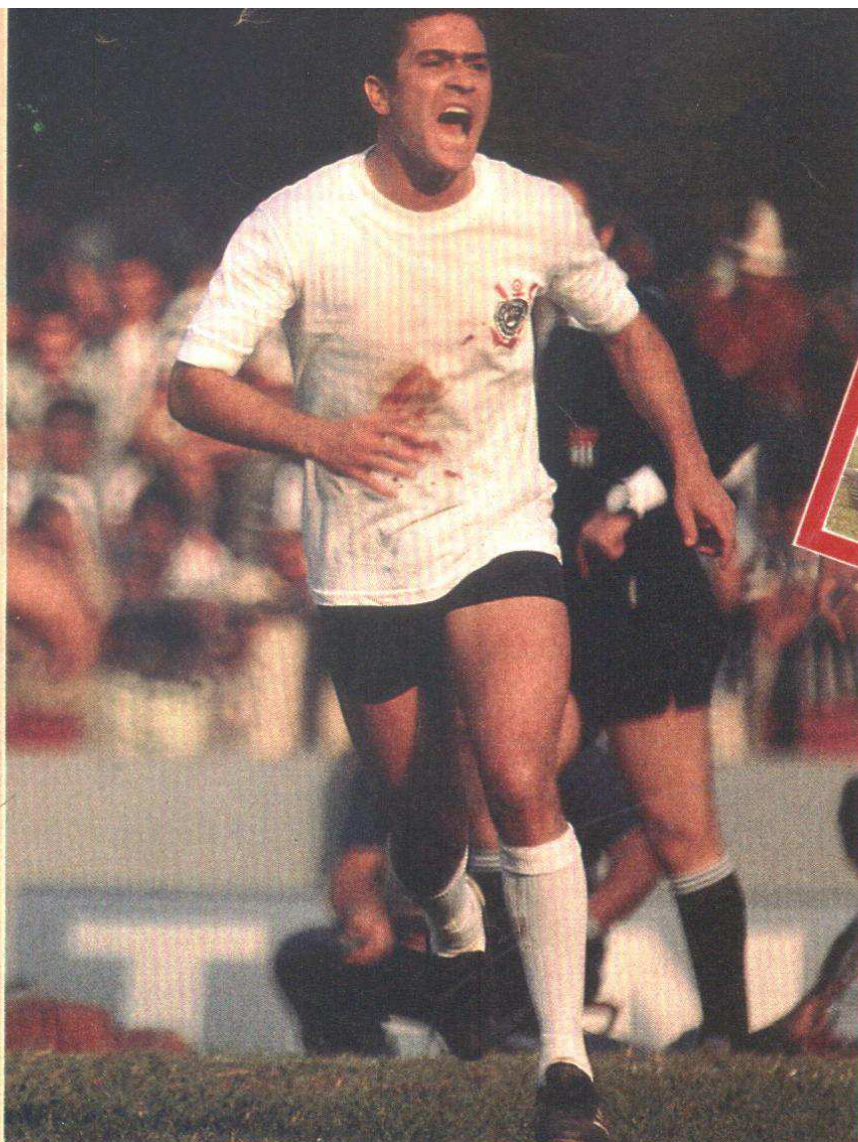
no Napoli, irritou tanto o experiente Leão, na decisão do Campeonato Brasileiro de 1978 entre Guarani x Palmeiras, que acabou provocando a expulsão do goleiro por agressão. Mesmo Pelé, do alto de sua genialidade, não vacilou em empregar artimanhas para levar o Santos à vitória. Num jogo contra o Palmeiras, aproveitando que o juiz estava de costas para o lance, abraçou-se ao zagueiro Waldemar Carabina e caiu gritando como se tivesse sido agarrado. Pênalti, sem perdão.

E é por causa de Pelé, principalmente, que Palhinha não concorda que apenas alguns jogadores sejam considerados catimbeiros. "O Rei também apelava, e era chamado de gênio quando colhia bons resultados", alega. A diferença é que, primeiro, Pelé não utilizava seus truques de modo sistemático; segundo, era de tal sutileza que nem mesmo a maioria dos companheiros em campo percebia bem o que ele fizera. Assim, não há maneira de imaginá-lo levando a bola debaixo do braço para o vestiário ao ser expulso, como já aconteceu com o ex-centroavante César Maluco.

Palhinha, porém, não deixa de ter alguma dose de razão ao teorizar que qualquer jogador com vontade de vencer é um catimbeiro em potencial. Nesse caso, Maradona seria obrigatoriamente citado para fortalecer sua tese. O gol que marcou com a mão contra a Inglaterra na Copa de 1986, por exemplo, foi um típico lance de catimba, mas, a rigor, o argentino não deve ser considerado um catimbeiro clássico. Esticando-se um pouco mais o pensamento do ex-atacante corintiano, se poderia até dizer que o catimbeiro é uma espécie de deus da raça. A torcida, em sua sabedoria instintiva, sabe no entanto distinguir entre uns e outros, idolatrando os últimos e apenas reconhecendo a utilidade momentânea dos primeiros.

SEBASTIÃO MARINHO

MANOEL MOTTA

A BOLA SÓ PARA CÉSAR

Só existiam duas bolas na partida entre Palmeiras x Corinthians e uma já estava há algum tempo nas arquibancadas. Após sofrer o gol de empate em 1 x 1, o centroavante César não teve dúvidas. Foi ao fundo da rede, apanhou a bola e saiu cumprimentando ironicamente todos os seus adversários. Percebendo que a intenção era ganhar tempo e irritar os corintianos, o juiz decidiu expulsá-lo de campo. Foi o suficiente: com a bola nas mãos, César se dirigiu aos vestiários, onde passou todo o resto da partida. "O jogo ficou interrompido cerca de dez minutos", lembra o atacante. Suas atitudes eram capazes de surpreender até o mais fanático dos torcedores do Palmeiras

JOSÉ PINTO

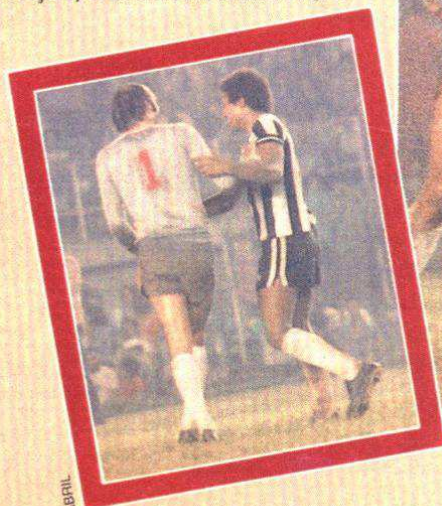
ABRIL

OS SOPAPOS DECISIVOS DE PALHINHA

O volante Pires, do Palmeiras, não desgrudava de Palhinha na primeira partida semifinal do Campeonato Paulista de 1979. Foi quando o atacante teve uma idéia: "Longe dos olhos do juiz, troquei socos com meu marcador e o deixei completamente nervoso", lembra. Dali em diante, a marcação aliviou e o atacante pôde marcar o gol de empate em 1 x 1

CONTRA VALDIR PERES, O PÊNALTI ERA LOTERIA

Para os outros goleiros o pênalti era um terror. Para Valdir Peres, a glória. Um sorriso irônico, uma gozação — tudo era motivo para desconcentrar o atacante. Assim, deu ao São Paulo a vitória nos pênaltis nos Campeonatos Paulista de 1975 e Brasileiro de 1977. No primeiro jogo da final do Brasileiro de 1981, repetiu a receita. Quando Baltazar ia bater, foi a seu encontro, impedindo a cobrança. Na repetição, o artilheiro chutou fora

JOSÉ PINTO

ABRIL

NELSON COELHO

Em 1987, o time do Flamengo tetra brasileiro

Fla campeão de 1987

Gostaria de ver publicada uma foto do Flamengo campeão da Copa União de 1987.

Ronaldo A. Gomes
Paraguaçu Paulista, SP

Para você lembrar o último título brasileiro do Mengão, Ronaldo.

Para matar a saudade do Galo

Por favor, publiquem a ficha técnica da final do Campeonato Brasileiro de 1971, entre Botafogo e Atlético Mineiro.

Genílson Ratzke
Pancas, ES

BOTAFOGO 0 x ATLÉTICO-MG 1
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Armando Marques; Renda: Cr$ 294 420,00; Gol: Dario 13 do 2.º; Expulsão: Carlos Roberto 37 e Mura 41 do 2.º
BOTAFOGO: Wendell, Mura, Djalma Dias, Queirós e Valtencir; Carlos Roberto e Marco Antônio (Didinho); Zequinha, Nei (Tuca), Jairzinho e Careca. Técnico: Paraguaio.
ATLÉTICO-MG: Renato, Humberto Monteiro, Grapete, Vantuir e Oldair; Vanderlei e Humberto Ramos; Ronaldo, Dario, Lola e Tião. Técnico: Telê Santana.

Um cubano de olho em posters

Troco ou compro posters e fotos de times e jogadores de futebol brasileiros. Gostaria também de conseguir cartões-postais de estádios.

Steve Duvet
I.P.F. "Invasión de Occidente"
Cajalbana - La Palma
Pinar del Río, Cuba

Carlos no Guarani

Por favor, gostaria que vocês publicassem uma foto do goleiro Carlos, ex-Seleção Brasileira, com a camisa do Guarani, seu clube atual.

Fernando César Milani
Faxinal, PR

Aí vai, Fernando, a foto de seu ídolo.

NELSON COELHO

Carlos: titular do Guarani no Paulistão

Palmas para "Quem é Quem"

Formidável o "Quem é Quem no Futebol"! Trabalho de primeiríssima! Mas também os nove elementos que o produziram são simplesmente fabulosos! Duvido que na Europa, com tanto critério e discernimento, tenham capacidade para produzir algo como o que vocês conseguiram!

Parabéns, mais uma vez, a todos!

Gerson Sabino
Belo Horizonte, MG

Escudos portugueses

Peço a volta dos escudos para futebol de botão. Por enquanto, publiquem os do Chaves e Boavista, de Portugal.

Luís Carlos Martins Jr.
Batatais, SP

Para você curtir os times da terrinha, Luís Carlos.

Chaves

Boavista

Os times da Alemanha

Publiquem a relação das equipes que disputam a Primeira Divisão do Campeonato Alemão.

José Roberto Cândido
São Paulo, SP

Agora você já pode acompanhar melhor o campeonato, José Roberto. Aí vai: Bayer Leverkusen, Bayern Munique, Bochun, Borussia Dortmund, Borussia Mönchengladbach, Colônia, Duisburg, Dínamo Dresden, Eintrach Frankfurt, Fortuna Düsseldorf, Hamburgo, Hansa Rostock, Karlsruher, Kaiserlautern, Nuremberg, Schalke 04, Stuttgart, Stuttgart Kickers, Wattenscheid e Werder Bremen.

Editora Abril

PLACAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO
Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04573, Caixa Postal 2372, tel.: (011) 534-5344, Telex (011) 57357, 57359 e 57382, FAX: (011) 534-5638, Telegramas: Editabril Abrilpress. **Administração**: r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511.

ESCRITÓRIOS

BRASIL

Belo Horizonte: av. Marília de Dirceu, 226, 6.º e 7.º andares, Bairro de Lourdes, CEP 30170, tel.: (031) 275-2388, Telex (031) 1085, FAX: (031) 337-2166

Blumenau: av. Martin Luther, 111, Edifício Master Center Empresarial, sala 709, CEP 89010, tels.: (0473) 22-1060, (0482) 26-0902

Brasília: SCN - Quadra CN1, Lote C, Edifício Brasília, Trade Center, 14.º e 15.º andares, CEP 70710, tel.: (061) 321-8855, Telex (061) 1464 e 1136, FAX: (061) 226-7592, Telegramas Abrilpress

Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131 133, Centro, CEP 13013, tel.: (0192) 33-7100, Telex (0192) 3311, FAX: (0192) 23281

Campo Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, CEP 79050, Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685

Cuiabá: r. 86, Quadra 16, Casa 28, CPA 3, Setor 1, CEP 78000, Caixa Postal 445, tel.: (065) 341-2674

Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 7.º, 8.º e 12.º andares, Bairro Centro Cívico, CEP 80530, tel.: PABX (041) 252-6996, Telex (041) 30123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (atendimento ao assinante) (041) 252-5566

Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, conj. 101, Centro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, Telex (0481) 1004, FAX: (0482) 23-5873

Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418 420 422, Aldeota, CEP 60150, tel.: (085) 261-7555, Telex (085) 1607

Goiânia: r. 1127, n.º 220, Setor Marista, CEP 74310, tel.: (062) 241-3756

João Pessoa: av. Epitácio Pessoa, 201, sala 206, Centro, João Pessoa - PB, tel.: (083) 221-9328

Novo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sala 704, CEP 93510, tel.: (0512) 93-9891

Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90060, tel.: (0512) 29-4177 5899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress, FAX: (0512) 29-4857

Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 904, Bairro São José, CEP 50020, tel.: (081) 424-3333, Telex (081) 1184, FAX: (081) 424-3896

Ribeirão Preto: av. Presidente Vargas, 1033, Alto da Boa Vista, CEP 14020, tels.: (016) 623-4262 4291, Telex (016) 4457, FAX: (016) 623-2769

Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andar, Botafogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril Abrilpress

Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Edifício Omega, 3.º e 5.º andares, salas 303 e 502, Bairro Pituba, tel.: (071) 371-4999, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583

São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245, tel.: (0123) 21-1126

Vitória: av. Jerônimo Monteiro, 1000, Ed. Trade Center, 10.º andar, conj. 1002 1004, Centro, CEP 29010, tels.: (027) 222-3185, 223-9633, FAX: (027) 222-6219

EXTERIOR

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, NBR 3403, New York, N.Y. 10165 3403, Phone: (001212) 557-5990 5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral

VEJA • GUIA RURAL • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE

Economia e Negócios

EXAME

Automobilismo e Turismo

QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes

PLACAR

Masculinas

PLAYBOY

Femininas

CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO • MÁXIMA

Decoração e Arquitetura

CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições.

Distribuída com exclusividade no país pela DINAP — Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante**: (011) 823-9222

ANER

IMPRESSA NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

SEXO EM GRUPO: UMA É BOM, DUAS OU MAIS É MELHOR

PLAYBOY

FESTA DA SEDUÇÃO

A NUDEZ DESEJADA:
ÍSIS DE OLIVEIRA
EM SEU MELHOR MOMENTO

VIVA A LIBERDADE!
UMA RUSSA NUA NAS RUAS DE MOSCOU

A BRINCADEIRA PROVOCANTE DAS GÊMEAS BARBI

ACABOU O MISTÉRIO DE TRINTA ANOS:
REVELAMOS A VERDADEIRA IDENTIDADE DE CARLOS ZÉFIRO, O LENDÁRIO AUTOR DOS QUADRINHOS ERÓTICOS QUE ENLOUQUECIAM O PAÍS

TUDO O QUE ELAS FAZEM PARA NOS SEDUZIR NAS FESTAS

0584 - n.º 196

RUY CASTRO ENTREVISTA CACÁ ROSSET
O DIRETOR DE TEATRO QUE PAROU NOVA YORK DÁ UM SHOW DE IRREVERÊNCIA

A GUERRA DAS GRANDES EMPRESAS PELA LIDERANÇA DO MERCADO

PACOTE DO PRAZER
• OS PRESENTES MAIS CHARMOSOS
• MODA: A MANEIRA ELEGANTE DE VESTIR UM SMOKING

N A S B A N C A S

Qualidade
Editora Abril